

**I. T. T.  
IMPERIALISMO  
NO CHILE:  
DOSSIER ANDERSON**

**AFRONTAMENTO/PORTO**

## INTRODUÇÃO

*A I. T. T. (International Telephone and Telegraph) prospera hoje em oitenta países. A sua matriz localiza-se em Nova Iorque e as ramificações europeias (incluindo as portuguesas) são comandadas de Bruxelas. É a oitava companhia americana e o nono grupo industrial do mundo. Movimentou, em 1971, 7,3 biliões de dólares (mais 13% em relação ao ano de 1970). A cadeia ITT agrupa 433 companhias, que operam nos cinco continentes, e tem ao seu serviço cerca de 550.000 pessoas. A sua principal actividade é, evidentemente, o serviço de telecomunicações (companhias de telefones, cabos transatlânticos, radars, material electrónico...). A ITT controla uma parte importante do Intelstat (sistema de comunicações internacionais via satélite). Mas a ITT ocupa-se também do serviço de hotelaria (Sheraton Co), do aluguer de carros (Avis), de parkings (Airport Parkings of America), de conservas (Continental Baking Co), de construção civil (Levitt & Sons), de seguros (Hartford Fire Insurance Co) e de muitos outros ainda.*

*A sua tecnologia avançada no domínio vital das comunicações faz dessa companhia o parceiro privilegiado do Pentágono e da CIA (cujo antigo director J. McCone se encontra no seu Conselho de Administração). A ITT é dos 25 maiores «vendedores de canhões» americanos; a partir de 1968, recebeu 240 milhões de dólares por ano, provenientes dos seus contratos militares (a sua «Divisão Espacial» trabalha quase exclusivamente com contratos «top-secret» do ministério da Defesa) — e tais contratos garantem-lhe cerca de 50% dos seus lucros...*

*A companhia dispõe duma frota privativa de aviões, dum*

EDITOR: José M. C. Sousa Ribeiro

imenso parque de automóveis, dum sistema próprio de escuta telefónica (noblesse oblige...) e duma verdadeira rede de espionagem (recruta numerosos antigos agentes da CIA). Neste aspecto, quase não difere do que costumamos chamar «as 200», ou seja, as duzentas companhias mais importantes US.

#### AS 200 COMPANHIAS MAIS IMPORTANTES

Quem são «as 200»? As companhias chamam-se Standard OIL, General-Motors, ITT, Ford, General Electric, Socony Mobil, Kodak, Honeywell, IBM, Singer, Bourroughs, Colgate|Palmolive, National Cash Register, Pfizer, Control Data, Xerox, Fairchild, etc... Controlam mais de 60% da economia US (em 1947 controlavam apenas 30%). Na maior parte, trata-se de «conglomerados», ou seja, de companhias que agrupam em torno duma «casa-mãe» (e sob o seu controle) sociedades que actuam em diversos sectores e que não têm necessariamente relações entre si. Desenvolvem-se essencialmente pela absorção de companhias mais fracas.

Foi a partir de 1960, que os «conglomerados» se desenvolveram verdadeiramente. 12.000 fusões importantes tiveram lugar entre 1960 e 1970, e as transacções feitas representaram um valor superior a 30 biliões de dólares. A ITT, na parte que lhe toca, adquiriu durante esse período, 101 companhias; o seu capital passou de 811 milhões para 8 biliões de dólares e os seus lucros anuais de 30 para 350 milhões de dólares.

O movimento de concentração bateu todos os recordes, a partir da eleição de Nixon, em 1968; o Partido Republicano é conhecido como «o partido dos grandes industriais».

Há no caminho triunfal das «200» o obstáculo de todo um arsenal anti-trust; o choque com o governo federal parece inevitável, tanto mais que para atingirem o fim que têm em vista (uma progressão anual de lucros na ordem dos 10%), as «200» têm necessidade absoluta de se estenderem. (O primeiro «negócio ITT» teve como origem a oposição do ministério da Justiça à fusão da ITT com uma das principais companhias de seguros US, a Hartford Fire — fusão que garantia à ITT 88 milhões de lucros anuais — ou seja 25% dos lucros do grupo). Felizmente para as «200», o governo federal é muito compreensivo; entre

1969 e 1970 iniciou cerca de 100 processos contra tais fusões — e 80% desses processos anti-trusts acabaram por se resolver «amistosamente».

É que as «200» adquiriram um peso tal que as suas actividades (e as suas dificuldades) têm um efeito directo sobre o conjunto da economia US. «Vocês querem destruir a ITT, a economia, toda a nação» — declara H. Geneen, da ITT, ao querer atacar os funcionários do ministério de Justiça. Que governo estaria disposto a correr um tal risco, sobretudo num período de crise económica latente e de desemprego momentâneo?

As «200» são cada vez mais bem compreendidas pelo governo, na medida em que se encontram (como o demonstrou C. Wright Mills, na «Elite du Pouvoir») os mesmos homens à frente das grandes companhias e da administração, «camuflagem» facilitada pela ausência de «função pública» no sistema US. O Ministro da Justiça J. Mitchell não foi um antigo advogado da ITT? O responsável do departamento «anti-trust» do ministério não era também o advogado dos «conglomerados», que se propunha atacar? Quanto aos políticos, eles deixam-se comprar nos USA, como em qualquer parte do mundo. Os PDG conseguem pôr à sua disposição, como o provou o inquérito do Senado, os aviões e as limusinas das companhias. No respeitante à ITT, ela pôde, finalmente, controlar a Hartford Fire, depois de ter feito a promessa de pagar 400.000 dólares destinados à Convenção Republicana de San Diego. Toma lá — dá cá. Hoje mais do que nunca se verifica a fórmula que se tornou célebre:

«(?) que é bom para a General Motors (ou ITT), é bom para a América». E poderíamos acrescentar: «é bom para o mundo inteiro».

EM PORTUGAL

A ITT também chegou a Portugal. Está nas seguintes empresas:

**Standard Electric, SARL**

Esta companhia tem um capital social de 120.000 contos. Facturou 564.000 contos e apresentou de lucros 123.300 contos.

Os resultados da exploração foram de 20 648 contos e a diferença deve-se à venda do terreno da Avenida da Índia, em Lisboa, onde se encontram as instalações da empresa que serão integralmente transferidas para Cascais. As reservas somavam 125 530 contos. (Todos estes números, assim como os que vão seguir-se, dizem respeito ao exercício de 1971).

Do Conselho de Administração da Standard Electric fazem parte o Professor António Carvalho Fernandes, Dr. Adriano Moreira, Adolfo Beneyto, Professor Herculano Amorim Ferreira, Almirante Manuel Maria Sarmiento Rodrigues e Michael Jonh Bidwell. Do Conselho Fiscal, Luls Caldeira Lupi, Luciano Barreira da Ponte e José Tomás de Antas Megre.

#### **Imprimarte - Publicações de Listas Telefónicas**

Esta empresa tem o exclusivo de publicação e da publicidade das listas telefónicas. O capital social é de 56 000 contos, as vendas foram de 233 000 contos e os resultados de 27 750 contos.

O Conselho de Administração é composto pela Standard Electric (Almirante Sarmiento Rodrigues), Engenheiro Carlos Barradas da Silva e Marvin Randall. O Conselho Fiscal por Adolfo Beneyto, Michael Bidwell e Jorge da Silva Regalheiro Camacho.

#### **Rabor - Construções Eléctricas, SARL**

O capital é de 25 000 contos. As vendas foram de 54 600 contos, o lucro de 4.830 contos e as reservas somavam 518 contos.

O Conselho de Administração é constituído pela Oliva - Indústrias Metalúrgicas, Standard Electric, Michel Bergerac e Douglas Stevenson.

#### **Hotéis Sheraton de Portugal, SARL**

O capital social é de 150 000 contos. O Conselho de Administração é constituído pelo Professor António Carvalho Fernandes, pela Standard Electric (Professor Amorim Ferreira), Dr.

Adriano Moreira e José António Queirós de Barros. Do Conselho Fiscal fazem parte Adolfo Beneyto, Luciano Barreira da Ponte e TAP (Luls Forjaz Trigueiros). O Director Geral da Sheraton em Portugal é o sr. Hans Oppacher, de nacionalidade austríaca.

#### **Oliva — Indústrias Metalúrgicas, SARL**

O capital social é de 105 000 contos. As vendas foram de 338 000 contos e os resultados de 24 600 contos, somando as reservas 168 800 contos.

O Conselho de Administração é formado pelo Professor Engenheiro António Alves de Carvalho Fernandes, Professor Amorim Ferreira, Almirante Sarmiento Rodrigues e Michel Bergerac. O Conselho Fiscal por Adolfo Beneyto, Michael Bidwell e Fernando Luls Ribeiro Costa.

O «Diário de Lisboa» de 26 de Fevereiro de 1970, publicava a seguinte notícia: «A informação fornecida pelo ministro das Finanças e da Economia ao deputado Camilo de Mendonça mostra que, em 1969, houve sete empresas portuguesas cujo capital social foi totalmente adquirido por empresas estrangeiras.

A mais importante venda, ultimada no terceiro trimestre do ano passado, foi a do «Grupo Oliva» (Indústrias A. J. Oliveira, Filhos e Compa. Lda., Máquinas Oliva Comercial, Lda.; Máquinas Oliva de Angola, Lda.; e Máquinas Oliva de Moçambique, Lda.), que se dedicava à exploração da indústria metalúrgica e metalomecânica, com um capital de 110 700 contos. Foi adquirida pela empresa Standard Electric Corporation, com a participação de 397 880 contos».

#### **Oliva Comercial, SARL**

Tem um capital social de 4 500 contos. As vendas somaram 82 127 contos, os lucros foram de 632 contos e as reservas totalizam 7 420 contos.

O Conselho de Administração é constituído por Oliva, Indústrias Metalúrgicas, SARL, Professor Amorim Ferreira e Almi-

rante Sarmiento Rodrigues. O Conselho Fiscal por Dr. José da Mota de Sousa Mendes, Fernando L. R. Costa e Alcino Costa.

#### **Oliva de Angola, Comércio e Indústria, SARL**

O capital social é de 1 000 contos. Vendeu 43 100 contos e teve de lucros 1 672 contos. As reservas somavam 10 500 contos.

Constituem o Conselho de Administração Oliva, Indústrias Metalúrgicas, SARL, Standard Electric, SARL, Professor Amorim Ferreira e Almirante Sarmiento Rodrigues. E o Conselho Fiscal o Dr. José da Mota de Sousa Mendes, Fernando L. R. Costa e Alcino Costa.

#### **Oliva de Moçambique, Comércio e Indústria, SARL**

O capital social é de 200 contos. As vendas foram de 97 contos e apresentou um prejuízo de 951 contos. As reservas somavam 85 contos.

O Conselho de Administração é constituído por Oliva, Indústrias Metalúrgicas, SARL, Standard Electric, SARL, Professor Amorim Ferreira e Almirante Sarmiento Rodrigues. O Conselho Fiscal pelo Dr. José da Mota de Sousa Mendes, Fernando L. R. Costa e Alcino Costa.

Assim, o grupo da ITT, em Portugal, e referente a 1971, engloba empresas com um capital social total de 461 700 contos, efectuou vendas no valor de 1 314 924 contos, apresentou como lucros 181 833 contos e tinha, em reservas, 312 853 contos.

Há a notar que uma das empresas, Hoteis Sheraton de Portugal, só iniciou as actividades em 1972 pelo que não entra no cômputo final. Durante o ano de 1972 a imprensa anunciou várias iniciativas de expansão do grupo, nomeadamente nas Ilhas Adjacentes.

A este propósito, noticiava o jornal «Expresso» já em 8 de Janeiro de 1973: «O Grupo Internacional ITT, com sede nos Estados Unidos, dirigiu ao Governo Português uma solicitação no sentido de se lhe serem dadas facilidades sobretudo ao nível de exportação para os mercados internacionais com vista à instala-

ção nas Ilhas Terceira, S. Miguel e Faial ou Pico, da indústria de processamento de carnes.

«A solicitação apresentada por aquele grupo prevê investimentos, durante os próximos 5 anos, da ordem dos 500 mil contos.

«O Grupo-Síntese da Comissão de Planeamento dos Açores deu parecer favorável à pretensão da ITT.

«Do Grupo-Síntese fazem parte lavradores, pelo que é de presumir que a lavoura açoriana nada tem, em princípio, a opor ao projecto ITT, que, ao que se pensa, se localizará essencialmente na Ilha de S. Miguel. No próximo dia 12 de Janeiro, a Comissão de Planeamento dos Açores reunirá para apreciar o parecer do seu Grupo-Síntese».

Partindo dos números apresentados e tendo em conta a tendência expansionista do grupo, tudo leva a crer que a ITT venha a ser, muito em breve, um dos maiores «trusts» em território nacional.

#### **À ESCALA DO GLOBO**

Os progressos da tecnologia e da concentração cada vez mais acelerada do capital deram uma dimensão internacional aos «conglomerados». Aquilo a que se chama «multinacionais» são complexos industriais constituídos em volta duma «casa-mãe», que controla as filiais no estrangeiro. Estas filiais fazem parte integrante do conjunto multinacional; as suas actividades são determinadas e controladas pela «casa-mãe». As filiais estão muitas vezes especializadas na produção de um ou de vários elementos, que se destinam à produção global do grupo.

As multinacionais caracterizam-se pelo campo mundial das suas actividades, pela centralização das decisões estratégicas e pela procura do máximo de rentabilidade dos interesses globais do grupo. O seu desenvolvimento, que se tem acelerado prodigiosamente no decurso dos últimos dez anos, corresponde à necessidade de alargar as vendas, de diversificar a produção e de aumentar o mais possível os lucros.

*É assim que a ITT controla mais de 200 companhias fora dos USA. Os seus investimentos no estrangeiro representam 2,2 biliões de dólares. A maior parte do material electrónico ITT é produzido na Europa. Na França, a ITT controla principalmente o LMT (Material Telefónico), que fabrica, entre outras produções, radares utilizados no Vietnam. As multinacionais beneficiam de todas as facilidades nos seus investimentos (supressões de taxas, auxílios especiais dos governos locais). Atraem o capital local: numa palavra, beneficiam do auxílio do governo dos USA: os investimentos da ITT no Irão e na Tailândia foram garantidos em 70% pelo «auxílio americano». Estes investimentos no estrangeiro garantem às multinacionais entre 50 e 60% dos seus lucros e uma parte desses lucros é repatriada, voltando aos USA.*

*As multinacionais actuam principalmente em sectores de «ponta», de tecnologia avançada (informática, electrónica, telecomunicações, química...). Sociedades como a IBM, ITT, Xerox, controlam, sob o seu domínio, 60 a 80% do mercado europeu. O seu poder, a sua diversificação geográfica, a sua posição estratégica na economia fazem com que nenhum governo capitalista possa opor-se, sem riscos, aos objectivos das multinacionais.*

*Elas contribuíram, em 1975, com 35% para o produto nacional bruto dos países não socialistas (ou seja 2/3 da produção mundial). Entre as cem principais unidades económicas do mundo, 49 são nacionais, mas 51 são sociedades multinacionais. A taxa de crescimento destas sociedades é de 12%, em média, enquanto que a das nações não ultrapassa os 5%. Pode-se portanto prever, de acordo com o ritmo actual, que em 1985, 200 ou 300 sociedades (americanas em 85%) vão controlar a totalidade da economia do mundo capitalista.*

*A penetração que a ITT já fez no nosso país afigura-se-nos justificar, perfeitamente (para além do interesse próprio), a publicação do dossier do caso do Chile.*

## O CASO DO CHILE

O que se apresenta a seguir é uma história real que, ultrapassando a ficção, é qualquer coisa de fantástico na intriga e na espionagem internacionais.

Esta história começa em 1970 com a eleição do Presidente da República do Chile. Neste país, a escolha presidencial faz-se por sufrágio universal e fica automaticamente eleito o candidato que obtenha uma maioria absoluta. Desde que nenhum candidato obtenha essa maioria o Congresso chileno, composto pela Câmara dos deputados e pelo Senado, escolhe o Presidente entre os dois mais votados. Por tradição sempre respeitada o Congresso escolhe o mais votado dos dois.

Em 1970, candidataram-se às eleições presidenciais de 4 de Setembro Radomiro Tomic, reformista, Jorge Alessandri, reaccionário confesso e Salvador Allende, que representava uma larga gama de partidos da esquerda sob a designação comum de Unidade Popular. Apesar dos meios financeiros de que dispunha a direita, a mobilização dos trabalhadores permitiu uma vitória escassa de Allende que se apresentava com um programa de 40 medidas a aplicar imediatamente em todos os sectores tendentes a preparar um futuro estado socialista, disposto a solucionar com seriedade os problemas do sub-desenvolvimento.

O Congresso acabou por ratificar a eleição a 24 de Outubro. Entretanto, moveram-se toda a espécie de intrigas, manobras táticas e todos os «golpes» imagináveis para impedir, primeiro, a eleição de Allende e, depois, a sua investidura no poder. As reacções mais significativas vieram da América do Norte.

Na realidade, as sociedades privadas norte-americanas tinham investidas no Chile somas que ultrapassam em muito o

bilhão de dólares (cobre, banca, comércio, indústria, etc....). A ameaça para elas do acesso ao poder de um governo socialista não as podia deixar indiferentes. E a que mais se movimentou (quanto à maneira como o fez, os leitores poderão avaliar nesta mesma publicação!) foi a ITT. E tudo tentou para impedir Allende de chegar ao poder. Entre outras medidas para obter o resultado pretendido propôs:

- 1) criar um clima de provocações e de violências propício a uma intervenção das forças armadas.
- 2) sabotagem da economia chilena;
- 3) financiamento dos meios de informação e de jornalistas chilenos que dessem cobertura aos seus objectivos;
- 4) criar um clima internacional de pânico perante a possibilidade de uma «nova Cuba» na América Latina.
- 5) financiar todas as operações necessárias, incluindo a corrupção, para combater a democracia chilena oferecendo, concretamente, somas representadas em «sete cifras», de dólares.

O «complot» falhou graças ao povo chileno e às divisões no próprio meio do imperialismo americano. Se bem que o governo de Nixon aceitasse tudo «menos um novo caso São Domingos», grandes companhias como a General Motors e a Ford, aos métodos da ITT preferiram salvar os seus investimentos por processos mais clássicos.

No entanto, todo este processo ultrapassa largamente um âmbito nacional. Foi com grande emoção que o mundo recebeu as revelações publicadas pelo jornalista Jack Anderson de que constam os memorandos internos da ITT sobre o caso do Chile. A sua autenticidade não foi desmentida pela ITT. Nós os apresentamos e eles falam por si.

## AS FORÇAS POLÍTICAS CHILENAS

(baseadas nas últimas eleições municipais de 1971)

*A esquerda...*

A coligação no poder, no Chile, a «Unidade Popular», compreende sete partidos ou movimentos:

— *O partido socialista* (que se diz marxista) é, eleitoralmente, o primeiro partido da esquerda: obtém 23% dos votos, ou seja 623.000 votos.

Secretário geral: Carlos Altamirano.

— *O partido comunista*: 17,5% dos votos, ou seja, 480.000 votos.

Secretário geral: Luis Corvalán.

— *O partido radical*: 8% dos votos, ou seja, 226 000 votos. Presidente: Carlos Morales.

— *O MRI* (Movimento Radical Independente da Esquerda), que resultou duma cisão (para a direita), em Agosto de 1971, do Partido radical; entrou na coligação governamental.

Secretário geral: Luis Bossay.

— *Partido social democrata*: 38 000 votos.

— *MAPU* (Movimento de Acção Popular Unitária), que pro-veio, em 1969, duma cisão de esquerda da Democracia cristã. Secretário geral: R. Ambrosio.

— *API* [Acção Popular Independente (mini-partido de tendência social democrata)].

Secretário geral: Rafael Tarud.

— *O MIC* (Movimento da Esquerda Cristã), resultante dum cisão da esquerda da Democracia cristã, em Setembro de 1971. Não aderiu oficialmente à «Unidade Popular», mas um dos seus líderes, Jacques Chonchol, é o ministro da Agricultura do governo de Allende.

... *E à direita*

— *A Democracia cristã*, embora enfraquecida por duas cisões sucessivas na sua ala esquerda, continua poderosa; continua a ser o partido político mais importante do Chile. As lutas de tendências são numerosas, escondidas por detrás dum monolitismo de fachada.

— *O Partido nacional* exprime o ponto de vista dos grandes proprietários latifundiários e da facção mais conservadora da alta burguesia urbana.

Secretário geral: Onofre Jarpa, antigo militante dum partido nazista chileno.

— *Pátria e liberdade*: organização da extrema-direita, fundada no dia seguinte à eleição de Allende; compõe-se de filhos de burgueses e de certos elementos do lumpen-proletariado. Beneficia do apoio dos elementos activistas da alta burguesia industrial e rural e organiza comandos armados.

Secretário geral: Pablo Rodriguez.

ITT — Escritório de Washington  
L Street NW,  
NGTON DC 20036  
Pessoal e Confidencial

Eis o nosso relatório sobre a situação chilena e o que nós fizemos neste fim de semana.

*W. R. MERRIAM*

*Data:* 14 de Setembro de 1970  
*Para:* Sr. W. R. Merriam  
*De:* J. D. Neal

*Assunto:* CHILE -- Casa Branca; Departamento de Estado; Procurador geral.

Depois que me leu as sugestões do sr. GENEEN acerca do Chile, na passada sexta-feira, 11 de Setembro, eu fiz durante o fim de semana o que se segue:

*Casa Branca, Gabinete de Kissinger*

Nas últimas horas da noite de sexta-feira, telefonei para o Gabinete do Sr. KISSINGER e falei com «Pete» Vaky, conselheiro para os assuntos latino-americanos do Departamento de Estado, junto de Kissinger.

Conversei com ele a respeito da profunda preocupação do Sr. Geneen sobre a situação chilena, não apenas do ponto de vista dos nossos grandes investimentos, mas também sobre a ameaça, que pesa sobre todo o hemisfério. Expliquei-lhe que 95 milhões de US Dól. dos nossos bens estão cobertos por garantias de investimentos, como o estão igualmente os outros



grupos norte-americanos, mas que nós estamos receosos por ver os contribuintes ameaçados de ter de cobrir tais perdas.

Disse ao Sr. Vaky que éramos conhecedores da posição do Embaixador KORRY sobre a eleição de Alessandri, seguida da sua desistência, para que Frei pudesse candidatar-se de novo. Também fomos razoavelmente informados dos movimentos dos militares chilenos.

O Sr. Vaky disse que a situação chilena tinha sido cuidadosamente preparada e que era verdadeiramente difícil para os Estados Unidos. Reconheci que nós compreendíamos a dificuldade da posição dos USA, mas que esperávamos que a Casa Branca, o Departamento de Estado, etc... tomassem uma posição neutra, ou que não desencorajassem o Chile ou outros, que tentassem salvar a situação.

Disse ao Sr. Vaky que avisasse o Sr. Kissinger de que o Sr. Geneen está disposto a ir a Washington, para tratar dos interesses da ITT e de que estamos preparados para uma assistência financeira em quantias, que atingiriam sete algarismos.

Disse-lhe que as preocupações do Sr. Geneen não são de última hora, mas que nós sempre tivemos receio da vitória de Allende, e que estávamos a tentar, em vão, alertar outras companhias americanas sobre o destino dos seus investimentos e a persuadi-las no sentido de se unirem aos nossos esforços pré-eleitorais. O Sr. Vaky pediu-me que agradecesse ao Sr. Geneen o interesse que demonstrou e disse que iria informar o Sr. Kissinger de tudo isto. Ofereceu-se para nos manter informados.

*Departamento de Estado  
Secretário-assistente Meyer*

De manhã muito cedo, telefonei ao Secretário de Estado, Assistente para os assuntos Latino-Americanos, Charles (Chuck) A. Meyer, para o seu gabinete. Disse-lhe o mesmo discurso que já tinha dito a «Pete» Vaky. Chuck disse que compreendia a preocupação do Sr. Geneen e que lhe agradecia a sua oferta de auxílio. Disse que o Departamento de Estado está exactamente a observar a situação com a maior das atenções e que esperasse

pelo dia 24 de Outubro, data em que o congresso chileno iria decidir quem será o vencedor.

Diz que os próprios Chilenos começam a ficar muito preocupados; os próprios sindicatos operários vêem inconvenientes em Allende. Diz que «isto é um problema do Chile» e que eles preparam muito bem a «massa», na qual estão «metidos».

Disse que o chefe da Kennecott Copper veio informá-lo que tem a sensação de que perdeu a sua grande mina «El Teniente». Meyer disse que me manteria informado e que confia em nós, esperando que transmitamos para o seu gabinete as notícias pertinentes.

*Procurador Geral (Ministro da Justiça)*

Fui a uma recepção de casamento na Embaixada da Coreia, no sábado à noite. Esperava encontrar o Secretário Rogers e especialmente o subsecretário de Estado V. Alexis Johnson, que é um amigo íntimo do embaixador, mas estavam ambos ausentes. A Senhora Rogers estava lá. Foi assim que falámos com ela.

Encontrei o Procurador Geral Mitchell e decidi mencionar o Chile, para ver se tinha ouvido qualquer coisa sobre o assunto nas reuniões do Gabinete ou em qualquer outro lugar.

O Sr. Mitchell mencionou a visita que o Sr. Geneen lhe fizera recentemente. Disse que compreendia as suas preocupações em relação aos investimentos da ITT, no Chile. Disse-lhe que eu já tinha entrado em comunicação com a Casa Branca e com o Departamento de Estado.

ITT — Sede Internacional

*Data:* 17 de Setembro de 1970

*Dado a:* John Muliken (TIME)  
Charles Bartlet (Chicago Sun Times)

*Destinatário:* E. J. Gerrity

*Remetente:* H. Hendrix

Pede-se o favor de citar a referência na resposta.

*Assunto:* O Chile

*Pessoal e confidencial*

Tanto as probabilidades aparentes como os meios de comunicação social estrangeiros parecem indicar que Salvador Allende vai assumir a presidência em 4 de Novembro, mas há agora uma forte probabilidade de ele não o conseguir.

Empreendeu-se no Chile um grande esforço para assegurar uma vitória no Congresso, em 24 de Outubro, e esse esforço faz parte daquilo a que se decidiu chamar «a fórmula Alessandri», para evitar que o Chile se transforme num Estado Comunista.

Segundo esse plano, Alessandri renunciaria, após a sua eleição pelo Congresso, como tinha anunciado. O Presidente do Senado (um democrata-cristão) assumiria o poder presidencial e convocar-se-ia uma nova eleição 60 dias mais tarde.

Ao fazer-se essa eleição, o mais provável seria a confrontação entre o Presidente Frei — que, nessa data, já poderia candidatar-se de novo — e Allende. Numa confrontação deste género, pensa-se que Frei o venceria facilmente.

Na noite de terça-feira, 15 de Setembro, a uma hora tardia, o Embaixador Edward Korry recebeu finalmente uma mensagem do Departamento de Estado, que lhe dava autorização para agir em nome do presidente Nixon. A mensagem deu-lhe a melhor garantia possível — ressaltando uma acção do tipo «República Dominicana» — para impedir Allende de alcançar o poder.

Nesta etapa, o facto de termos uma solução ou um desastre depende somente de Frei, e da pressão que podem exercer sobre ele os Estados Unidos e o movimento anti-comunista no Chile, durante as duas semanas seguintes.

Os jornais do «Mercurio» são outro factor-chave. Manter a sua publicação entre esse dia e o dia 24 de Outubro é duma importância extrema. São a única via abertamente anti-comunista que existe no Chile e estão submetidos a uma forte pressão, especialmente em Santiago. Poderiam muito bem constituir o calcanhar de Aquiles do partido de Allende.

A seguir são retomados alguns pontos importantes da nossa visão da situação chilena nesta data, além de alguns comentários sobre diversos factores e algumas recomendações de base.

1. — Allende e a coligação marxista-socialista (Unidade Popular) estão prontos para agir, como se Allende já tivesse sido eleito. Estão prontos para fazer pressão sobre todas as frentes em ordem a consolidar a sua fraca maioria na eleição de 4 de Setembro e a transformá-la numa sólida vitória, aquando da votação no Congresso. O partido comunista chileno, um Partido da coligação U. P., está a dirigir a pressão. A estratégia é coordenada pela U. R. S. S. A disciplina e o controle do partido são, até este momento, extraordinários.

2. — Os elementos anti-comunistas, com os partidários de Alessandri à frente, e Frei na ala (ambos espicaçados pelo governo dos Estados Unidos) estão a trabalhar — e com eficiência — a fim de captar os votos do Congresso e preparar a plataforma para uma nova eleição nacional. Tendo em linha de conta a atmosfera que hoje paira no Chile, as perspectivas duma nova eleição aparecem cada vez mais favoráveis, à medida que o futuro se apresenta a uma luz cada vez mais sombria.

3. — Uma vez que Allende e a U. P. obtiveram pouco mais dum terço da totalidade dos votos da nação, existe uma forte probabilidade que, na confrontação entre dois homens e como prova decisiva da «luta da democracia contra o comunismo», Frei venha a obter a maior parte dos votos democrato-cristãos — visto que isto levaria de novo o partido ao poder — e todos os votos da direita, que apoiou Alessandri.

4. — Na recente campanha, o P. D. C. escolheu para seu candidato Radomiro Tomic, que odeia profundamente Frei e os

USA. O Comité Nacional D. C. marcou uma reunião para os primeiros dias de Março próximo e prevê-se que Frei recupere o controle da direcção (Tomic já está comprometido pelo seu apoio a Allende).

5. — A propósito da aplicação eficiente da «fórmula Alessandri», adensa-se ininterruptamente a ameaça duma explosão de violência e de guerra civil, se Allende perder na votação do Congresso. Allende, a U. P. e os movimentos da esquerda revolucionária castrista (MIR) disseram claramente que pretendem lutar por uma vitória total. Assim, surge como inevitável um certo grau de efusão de sangue.

6. — Os militares chilenos serão capazes de enfrentar uma violência, que se estenda a toda a nação ou uma guerra civil? Em Santiago as opiniões estão divididas a este respeito. Korry diz que considera as forças armadas como um «montão de soldados de chumbo». Chilenos bem informados e alguns conselheiros dos Estados Unidos julgam que o exército e a polícia nacionais são capazes de dominar a situação. Há reservas sérias no tocante à força aérea e à marinha. Sabemos que os comandos militares dos Estados Unidos garantiram plena assistência material e financeira ao exército.

As forças armadas chilenas não agirão unilateralmente para impedir que Allende tome conta do poder. Agirão apenas dentro do quadro constitucional.

7. — O Presidente Frei declarou particularmente aos seus colaboradores mais chegados, a Alessandri e a um visitador do Departamento de Estado, no último fim de semana, em Vina del Mar, que não se pode deixar deslizar o país para o comunismo e que se torna necessário impedir Allende de assegurar o seu cargo. Todavia, em público, continua fora de luta a este nível, ao mesmo tempo que experimenta cada vez mais uma pressão crescente dos Estados Unidos e do seu próprio sector. Por nunca revelar coragem («gufs») no meio dum tumulto, ele encontra-se em face dum dilema de não poder ser acusado de entregar o Chile ao poder marxista, nem de contribuir para uma possível guerra civil. Um bocadinho de lisonja ao seu *ego* altamente desenvolvido e

a possibilidade de ocupar a presidência durante seis anos complementares poderiam dar-lhe a firmeza necessária para se decidir.

Para reforçar a sua posição, far-se-ão esforços durante esta semana, a fim de transformar numa demonstração Freiista a festa do fim de semana, dedicada ao dia da independência chilena. O acto principal desta celebração será um desfile militar de 25.000 homens, aproximadamente, reunidos em Santiago.

8. — O Embaixador Korry, antes de receber a autorização de Foggy Bottom (apelido dado na administração americana aos burocratas), expôs a sua cabeça à guilhotina com as suas mensagens extremamente duras ao Departamento de Estado. Foi também ele — é preciso reconhecer-lhe esse mérito — quem começou a trabalhar com a D. C., o Partido Nacional e Radical e outros chilenos, mal os resultados eleitorais foram conhecidos — sem ter recebido autorização do Departamento de Estado. Nunca deixou de inquietar Frei, ao ponto de lhe dizer que «*se mas-trasse homem*».

De igual modo, quando na semana passada, um emissário de Allende se apresentou no seu gabinete, para o cumprimentar e lhe declarar que «o governo de Allende desejava também boas relações com o embaixador e os Estados Unidos», Korry respondeu apenas que tinha estado «de tal maneira ocupado a resolver problemas consulares, ajudando os chilenos, que desejavam abandonar o país, a obter um visto, que nem sequer tinha tido tempo para pensar no futuro».

Assim terminou a entrevista.

9. — Provavelmente vai tornar-se necessária uma certa contribuição financeira externa para a realização do esforço anti-Allende. O nível desta assistência será mais bem conhecido nas imediações do primeiro de Outubro. Garantimos a nossa assistência, no caso de ser necessária.

10. — Os observadores profissionais experimentados, que têm uma experiência Norte-Americana, Europeia e Latino-Americana, estão persuadidos de que, se a U. P. assumir o poder, o Chile rapidamente se transformará num estado comunista, rígido e brutal, como Cuba e a Checoslováquia actualmente. A transição seria muito mais rápida do que em Cuba, dada a organiza-

ção antiga do partido comunista chileno. Isto representa manifestamente uma ameaça séria contra a segurança nacional dos Estados Unidos — seja qual for o pensamento de Sol Linowitz, do senador Church e doutros que partilham a mesma opinião — e de várias outras nações latino-americanas. As declarações de Allende mostram evidentemente que os canais comerciais e financeiros ligados aos Estados Unidos seriam asfixiados.

Aquando duma reunião com Arturo Matte, em sua casa, no domingo, 13 de Setembro, parecia que ele estava num estado de espírito mais calmo após a última visita e fez os seguintes comentários:

**A.** A fórmula «Alessandri», que permitiria abrir caminho para novas eleições, é apoiada pelo governo e por Frei, pessoalmente. Uma vez eleito pelo congresso, Alessandri pediria demissão, respeitando assim um compromisso pré-eleitoral; ele procederá assim, a menos que recebesse uma maioria de votos pela eleição regular (N. do T.: eleição por sufrágio universal).

**B.** Alessandri anunciou publicamente na semana passada a sua intenção de se demitir, se fosse eleito (N. do Trad.: pelo congresso). Soube-se seguidamente que Frei tinha visto e aprovado o texto desta declaração, antes de se ter tornado pública.

**C.** Frei e o seu partido (pelo menos a facção que ele chefiava) estão profundamente interessados no assunto, por duas razões: tal medida impediria a tomada do poder por parte dum marxista e daria igualmente aos democratas cristãos uma nova possibilidade de reconquistar o poder, apoiados desta vez pelo sector Alessandrista. A declaração de Alessandri teve como consequência pôr de sobreaviso os marxistas e Allende contra um poderoso esforço final desenvolvido para o fazer parar e talvez tenha também travado parcialmente uma reviravolta na votação parlamentar dos democratas cristãos, em favor de Allende.

**D.** Matte diz que as forças armadas estão de acordo quanto ao grave perigo, em que se encontra a democracia, provocado pela entrada em cena de Allende. Estão de acordo em que ele deve ser impedido. Não obstante, a direcção das forças armadas e Frei preferem uma solução constitucional (isto é, a eleição par-

lamentar de Alessandri), mas que nem por isso exclui a violência espontânea ou provocada.

**E.** Uma solução constitucional, por exemplo, pode emergir das desordens internas massivas, greves, guerrilha urbana ou rural. Ora isto justificaria moralmente a intervenção das forças armadas durante um período ilimitado. Mas parece, segundo a exposição de Matte, que tudo isto não tem grandes possibilidades. Os Marxistas não se deixarão provocar. «Podem cuspir-lhes na cara em público» — diz Matte — «que eles ainda agradecem». Quer isto dizer que a extrema esquerda se dá conta das provocações e toma todas as precauções úteis para as neutralizar.

**F.** Um plano submetido a Frei, disse Matte, propõe a criação dum governo militar. Seria assim uma forma de provocação, dado que sugeria a preparação dum *putsch*. Teria igualmente um efeito psicológico exacto nos eleitores parlamentares, que ainda não tivessem decidido em quem votar. Mas, acrescentou Matte, Frei terá uma certa repugnância em fazê-lo, se não tiver algumas razões justificativas diante da opinião pública.

Deduzimos de tudo isto que Frei não agirá desse modo, a não ser que tenha de se confrontar com uma crise nacional.

**G.** O Comandante das Forças Armadas, René Schneider, está plenamente consciente do perigo da investidura de Allende. Mas não avança nem que seja um centímetro, sem a aprovação de Frei. Um general reformado, Viaux, entusiasma-se com uma acção imediata, com ou sem motivos, mas Matte disse que Schneider ameaçou que mandava matar Viaux, no caso de ele agir sozinho. Embora Viaux tenha pelo seu lado alguns partidários, conquistados aquando da sua rebelião abortada há poucos meses, torna-se duvidoso que ele seja suficientemente capaz para o conseguir sozinho.

**H.** Frei, disse Matte, está muitíssimo preocupado com os danos causados à sua reputação no hemisfério; está preocupado por se tornar talvez, como já o disseram os brasileiros, o Kerensky da América Latina. Mas recusa-se sistematicamente a tomar as rédeas na mão, sem motivos «morais», disse Matte.

I. Perguntaram a Matte se Frei poderia estar convicto de totais garantias de apoio de Washington. Após um momento de reflexão, respondeu que pensava ser possível que sim. Temos a perfeita impressão, entretanto, de que ele pensava que tudo isto deveria ser feito com uma arte consumada e com muito tacto, para não ofender a dignidade nacional chilena (as novas instruções de Korry podem servir para essas finalidades).

J. Os militares têm planos contingentes preparados para qualquer operação importante que seja necessária, disse Matte.

Eis as conclusões desta sessão:

O líder, que julgávamos ausente (Frei), está bem seguro no seu posto e não fará qualquer movimento, a não ser que lhe apresentem uma ameaça contra a constituição.

Esta ameaça deve ser apresentada, por um modo ou por outro, através duma provocação. Ao mesmo tempo, torna-se necessário aplicar a Frei uma pressão subtil, mas suficientemente firme, para que ele reaja.

Matte não se referiu às necessidades monetárias nem a quaisquer outras. No final, quando assinalámos que estávamos como sempre preparados para contribuir com o necessário, ele respondeu que seríamos prevenidos.

Um congresso do partido comunista decorreu no princípio da semana em Santiago. Entre outros temas discutidos, estava o das nacionalizações. A CUT, conferência nacional do trabalho, foi encarregada de organizar o plano de expropriações. A CUT está controlada pelo partido comunista.

Segundo os informadores que seguiam o congresso do partido, o esquema de prioridade foi confiado a um homem chamado Bertini e corresponde pouco mais ou menos ao seguinte:

1. Companhias de cobre;
2. A cadeia de jornais do «Mercurio»;
3. Dois centros de interesses «atractivos».

(Uma acção rápida afectaria estas três categorias. Pensa-se em Santiago que Chitelco — Companhia de Telefones — fazia provavelmente parte da categoria N.º 3).

4. Logo a seguir às primeiras expropriações, seria designada uma comissão para estudar as indústrias, que convinha confiscar.

Programar-se-iam as expropriações seguintes a realizar no prazo de um ano, aproximadamente. O processo realizar-se-ia em dois anos.

A cadeia do «Mercurio» atinge realmente Allende e o Partido Comunista. Esta semana, Allende enviou um dos seus principais lugar-tenentes, Alberto Jerez, seu candidato apontado como Ministro dos Negócios Estrangeiros, para se encontrar com o principal representante de A. Edwards (Nota do Trad.: do «Mercurio»), em Santiago. A finalidade desta reunião nocturna consistia em fazer pressão sobre o «Mercurio», para que ele cessasse a sua campanha anti-comunista. Jerez declarou que o «Mercurio» e A. Edwards se suicidavam com a atitude, que estavam a tomar. Disse que Allende não tencionava enganar Edwards. Tencionava, isso sim, expropriar os jornais e destruir o que eles defendiam. Jerez acrescentou ainda que os outros interesses de Edwards no Chile poderiam vir a ser mais ou menos afectados de acordo com a atitude que tomassem os jornais nas semanas imediatas. Disse que os jornais «incitavam à insurreição e que se isso continuasse, não poderíamos controlar o MIR, que deseja destruir as empresas». Disse também que Edwards podia voltar ao seu país (ele estava nos Estados Unidos em negócios e a sua família encontrava-se em Buenos Aires), mas que, se ele voltasse e o jornal não se modificasse, «poderia vir a ser enforcado na Praça Principal», logo que Allende tivesse tomado conta do poder.

O jornal em Santiago tem problemas financeiros. Após o dia da eleição, passou a não ter mais de 10 ou 15% da sua publicidade normal. Vão ter dificuldades em pagar os salários no fim do mês.

Como se pôde ler nos jornais, a economia chilena está em dificuldades. Mas o levantamento de fundos parou e o escudo estabilizou, a 25 aproximadamente, no mercado negro (N. do Trad.: por cada dólar).

O desemprego aumenta rapidamente, sobretudo no sector da construção. Cerca de 5.000 operários foram já despedidos na construção, em Santiago, por terem encerrado as obras de construção civil. Pensa-se que no seu conjunto os despedimentos vão afectar cerca de 30.000 no Grande Santiago, até ao fim deste mês.

Seremos informados da ajuda que podemos fornecer durante o desenvolvimento das actividades, desde o momento actual até ao fim de Outubro:

Recomendámos, além da assistência directa, o seguinte:

1) que nós e outras firmas americanas no Chile «injectássemos» publicidade no Mercurio (o que se começou a fazer);

2) que ajudássemos a pôr de novo vários agentes de propaganda na rádio e na televisão. Há cerca de 20 pessoas, que os grupos Matte e Edwards suportavam e devemos assegurar-nos da sua ressurreição. Allende controla agora duas das três estações de TV em Santiago e começou uma grande campanha na rádio;

3) que ajudássemos o centro de «reinstalação familiar» em Mendonza ou em Buenos Aires para as mulheres e crianças das pessoas — chave na luta. Esta medida abrange cerca de 50 pessoas durante um período dum mês a seis semanas, talvez até dois meses;

4) que fizéssemos todas as pressões possíveis à USIS, (\*) em Washington, para que ela ordene à Usis de Santiago que faça circular os seus editoriais do Mercurio na América Latina e na Europa; até à minha partida, tinham como instrução não fazer circular o que quer que fosse fora do Chile;

5) fazer pressão sobre a imprensa europeia importante, através de contactos nos vários países, para que ela publique a notícia dos desastres, em que incorreria o Chile, se Allende e Companhia obtivessem o poder.

Tudo isto são propostas imediatas e haverá ainda outras desde a presente dada até ao dia 24 de Outubro, à medida que a pressão sobre Frei e os democratas cristãos for crescendo.

C. C. E. Dunnet  
K. Perkins  
E. R. Wallace.

(\*) USIS = United States Information Service (Serviço de Informações dos Estados Unidos). (N. do T.)

ITT — Escritório de Washington

Data: 21 de Setembro de 1970

Memorando Interno

Para: Sr. W. R. Merriam

De: J. D. Neal

Assunto: o Chile

O excelente relatório sobre o Chile, feito por Hal Hendrix e R. Berrelez e endereçado ao Sr. Gerrity, em 17 de Setembro, é tão completo que pouco mais há a dizer, aquando da visita ao Departamento de Estado, em 16 de Setembro. Todavia, há alguns pontos interessantes a destacar.

John Fisher, o novo director dos Negócios andinos e do Pacífico, disse que o Embaixador Korry está plenamente convencido que a subida de Allende à Presidência implica que as coisas não sejam feitas a medias: o país será controlado pelos comunistas.

Segundo o relatório de H-B, o Departamento de Estado disse que as forças Allende-comunistas estão mobilizadas para rapidamente se apoderarem de todos os meios de comunicação social existentes, TV, rádio, etc; o jornal *El Mercurio* é, praticamente, a única força, que combate Allende.

O Departamento de Estado tem muito pouca confiança ou mesmo nenhuma na capacidade dos militares chilenos para assumirem o poder.

No caso dos democratas cristãos exigirem de Allende que não modifique a estrutura do governo, que não se meta com os militares, etc., o Departamento de Estado julga que Allende aceitará, mas que não virá a cumprir as suas promessas.

Disse a Fisher que tínhamos falado à Casa Branca e ao seu chefe, o subsecretário Meyer, e que estávamos dispostos a ter uma conversa, fosse com quem fosse, ou a fazer o que quer que fosse. Disse que compreendia a nossa preocupação, mas que julgava que tínhamos feito a cobertura da frente.

*Aqui ITT H2NY5: 30 PM DST/JD*  
*Para: Sr. H. S. Geneen — Intel Brussels*  
*De: E. J. Gerrity*  
*Data: 29 de Setembro de 1970*

Depois da sua chamada de ontem, tive notícias de Washington e um representante veio visitar-me esta manhã. Foi a mesma pessoa que V. Ex.cia encontrou com Merriam, vai para algumas semanas. Discutimos sobre a situação em pormenor e ele apresentou sugestões baseadas nas recomendações do nosso representante sobre a ocorrência e a sua análise, em Washington. A ideia apresentada, com a qual não estou necessariamente de acordo, é a aplicação duma pressão económica.

Eis as sugestões:

1. — Os Bancos não devem renovar o crédito, ou devem pelo menos retardá-lo.
2. — As Companhias devem esforçar-se para apressar o envio de dinheiro, efectuar as entregas, enviar as prestações de lucros, etc. ...
3. — As Caixas de Depósito e de Empréstimo estão cheias de problemas. Se fizerem pressão sobre elas, têm de fechar as portas, o que virá a provocar uma pressão ainda maior.
4. — Devemos retirar todo o auxílio técnico e não prometer nenhum para o futuro. As Companhias que podem fazê-lo devem fechar as portas.
5. — Foi fornecida uma lista de Companhias e foi sugerido que elas fossem abordadas conforme indicado. Disseram-me que de todas as companhias implicadas, só a nossa tinha respondido e compreendido o problema.

Indicou que já se tinham dado alguns passos, mas que procurava uma ajuda adicional, dirigida de maneira a conduzir a um colapso económico. Discuti as sugestões com Guilfoyle. Este pôs-se em contacto com algumas companhias, que disseram que lhes tinha sido aconselhado fazer exactamente o contrário das sugestões que eu recebi.

Para ser realista, não vejo como é que poderemos induzir os restantes implicados a seguir o plano que ele sugere. Podemos contactar as outras companhias-chave para ficarmos a conhecer as suas reacções e apresentar sugestões, na esperança de que

elas venham a cooperar. A informação que recebemos hoje, vinda doutras fontes, indica que de qualquer maneira há uma crise económica, que tende a aumentar.

Guilfoyle recebeu um apelo, esta tarde, da parte dum representante do candidato-chave, que nos pedia para fazermos com que as coisas fracassassem, porque há forças que trabalham para resolver o problema.

Disse ao visitante que nós daríamos todo o auxílio possível, mas indiquei os problemas que viríamos a ter com as sugestões feitas por ele.

Finalmente, Bob Berrelez acaba de nos enviar um relatório pessimista a respeito dos resultados da próxima semana. Esse relatório ser-lhe-á entregue pelo Sr. Barr, do Departamento Técnico, que parte para Bruxelas esta noite. *Gerrity*.

Memorando Confidencial

Nova Iorque, 29 de Setembro de 1970

*Remetente:* Robert Berrelez ITT LA - BA

*Destinatário:* Hal Hendrix ITT HDOS - N. Y.

(Ditada hoje de Buenos Aires para Nova Iorque, pelo telefone).

*Resumo da situação*

Parece quase certo que a eleição do marxista Salvador Allende à presidência do Chile vai ser ratificada pelo Congresso.

A votação do Congresso está programada para o dia 24 de Outubro.

Há apenas uma leve esperança de que uma alteração, baseada numa repentina e improvável reviravolta no ambiente da votação da Democracia Cristã, estabeleça o equilíbrio do poder nesta corrida final. O ambiente dominante entre os membros do PDC é, segundo se diz, favorável a Allende. Uma esperança mais realista entre os que querem travar Allende é que uma economia, que se deteriora rapidamente, (retiradas massivas de fun-

dos, falências das fábricas, etc. ...) pode provocar uma vaga de violência, que levaria a um golpe militar. O Presidente Frei comunicou aos seus amigos íntimos que também estava disposto a impedir Allende. Mas quer fazê-lo constitucionalmente. Isto é, ou com uma alteração brusca da votação do Congresso, ou com uma crise interna, que tornaria necessária a intervenção militar.

#### *Pormenores*

1) As possibilidades actuais de impedir o acesso de Allende dependem presentemente do caos económico, que é estimulado por alguns sectores dos negócios, da política e pelo próprio Presidente Frei. As duas próximas semanas serão decisivas a este respeito. O dinheiro não falta. Mas o governo continua a fazer emissão de moeda. Há um mercado negro activo com 29 escudos por um dólar, a partir de segunda-feira, 28 de Setembro. Na sexta-feira anterior, era de 26.50 por dólar. Antes da eleição, a taxa era de 20.21 por dólar.

Estão a ser feitos esforços velados para provocar a falência de uma ou duas das principais Caixas de Depósito e de Empréstimo. Está-se confiante em que isto venha a desencadear um «enlouquecimento» bancário e o encerramento de algumas fábricas que teria como consequência um aumento do desemprego.

2) As pressões exercidas por um caos económico poderiam forçar uma grande parte dos democratas cristãos a reconsiderar a sua posição em relação a Allende, bem como o seu voto no Congresso. Tornar-se-ia evidente, por exemplo, que os homens de negócios não tinham qualquer confiança nas futuras medidas de Allende e que o estado geral da nação está em jogo.

Mais importante ainda, o desemprego massivo e a inquietação poderiam produzir a violência necessária para obrigar os militares a intervir. O sucesso desta manobra fica em grande parte dependente da reacção da facção da extrema e violenta esquerda (castrista-marxista), partidária de Allende. Até agora, ele conseguiu manter sob o seu controle todas essas pessoas.

3) É certo que Allende conhece este plano. Referiu-se a ele nas suas últimas declarações públicas. Conhece, também seguramente, a cumplicidade do Governo e de Frei. Na semana passada, o Ministro das Finanças apresentou um relatório pessimista

da economia nacional como sendo um resultado da eleição de 4 de Setembro. A declaração foi feita com a aprovação de Frei. Muito embora essa declaração tenha sido lida como uma avaliação objectiva e realista da situação económica, exasperou os allendistas que a criticaram como sendo uma provocação.

4) Todas as apreciações feitas anteriormente sobre a fraqueza de Frei, nos momentos de crise, foram confirmadas. Pior ainda: pôde apurar-se, sem sombra de dúvida, que ele fez um jogo duplo para preservar a sua figura e a sua imagem de campeão da democracia latino-americana. Por exemplo, disse a alguns dos seus ministros que estava disposto a ser destronado por um golpe militar, que, na mesma altura, impediria Allende de chegar à presidência. Logo a seguir, fez um volte-face e disse aos chefes militares que era absolutamente contra um golpe militar.

5) Um grupo de respeitáveis dirigentes políticos e financeiros visitou Frei, no domingo passado, para lhe chamar a atenção sobre a sua fraqueza. Não poderei dizer-lhe quais foram os resultados desta entrevista nem qual foi o seu objectivo. Supõe-se que ao falar com Frei, o grupo procurava fazer pressão sobre ele, para que actuasse na única direcção que desejamos.

6) Como resultado de toda esta inércia, uma atmosfera de derrota envolve sectores importantes e influentes da comunidade; alguns homens de negócios, que antes pareciam muito entusiasmados com a ideia de impedir Allende, encaram agora a possibilidade de tentarem um compromisso com ele. Outros renunciaram e prepararam-se para abandonar o país.

7) Alguns homens de negócios chilenos sugeriram-nos que tentássemos negociar com Allende, no sentido de que ele aceitasse resgatar pelo menos uma parte dos nossos investimentos, para não perderem tudo. No momento em que estou a escrever estas linhas, disseram-nos que os representantes de Allende pediram uma reunião com os representantes da Sheraton, para discutir sobre a política futura de Allende em relação aos hotéis. O meu ponto de vista é que não deveríamos fazer absolutamente nada para estimular ou ajudar a equipa de Allende.

8) Não devemos alimentar qualquer esperança nas exigências que os democratas cristãos irão fazer a Allende. Alguns acre-



ditam que, se Allende as rejeitasse, os membros do PDC não votariam nele. Allende é capaz de prometer o que quer que seja nesta fase dos acontecimentos.

Além disso, várias condições que o PDC exigiu que fossem respeitadas estão já na constituição, que Allende fingirá aceitar até ao momento em que se sinta bem colocado e tenha consolidado todos os elementos necessários, para converter o Chile num estado completamente comunista, capaz de durar muito tempo.

9) Nas suas últimas declarações, parece evidente que Allende se dá conta de que algo está a ser tentado para o despojar da presidência no momento da votação do Congresso. Na segunda-feira, anunciou publicamente que conduziria a nação à guerra civil, no caso da votação o não guindar à presidência.

10) Durante esse período, os russos contribuem para defender Allende. A partir da eleição de 4 de Setembro, a Embaixada russa aumentou o seu pessoal com mais vinte elementos.

11) Um grupo da extrema direita realizou uma série de actos de terrorismo no domingo, dia 27 de Setembro, com a finalidade, ao que parece, de provocar uma reacção violenta dos meios castroistas-marxistas, que viria a justificar uma intervenção militar. As bombas tiveram apenas como resultado uma acção policial rápida, que terminou com a prisão de alguns terroristas. Isto, segundo fontes autorizadas, era o último esforço da extrema direita para provocar a extrema esquerda.

#### *Resumo*

1) A derrota de Allende no Congresso parece improvável. O candidato democrata cristão vencido, Radomiro Tomic, dá ainda o seu apoio a Allende e pode arrastar consigo um sector importante da votação do PDC.

2) Apesar das poucas possibilidades de sucesso, continuam os esforços tendentes a conseguir que Frei e os militares actuem para impedir Allende. Prosseguem os esforços para provocar a extrema esquerda, a fim de que ela reaja violentamente, o que viria a produzir o clima exigido para uma intervenção militar.

3) Embora seja reduzido o número de possibilidades de sucesso, não deve ser desprezado o bloqueio do acesso de Allende ao poder, feito através dum caos económico.

*R. B:* p. m.

*com cópia:* F. P. Gerrity  
E. R. Wallace  
K. M. Perkins  
E. Dumont

ITT — Sede Internacional  
30 de Setembro de 1970

*Para:* Senhores Merriam/Neal/Ryan

*De:* E. Gerrity

*Pessoal e confidencial*

Ontem, depois de ter visitado o Sr. Broe, Jack Guilfoyle foi informado do que se segue por Enno Hobbing de CLA.

Hobbing recebeu ontem a visita de Gregorio Amunategui, que é um representante de Alessandri. Gregorio tinha chegado de Santiago e a sua mensagem para Hobbing da parte de Alessandri era... que continuasse calmo, que segurasse bem o leme, pois estamos a fazer progressos.

Isto vai opor-se exactamente ao que Broe tinha recomendado.

Chamei-o mais tarde para discutir acerca da reacção de HSG ao meu Telex sobre alguns pormenores. Concordou comigo que a sugestão de Broe não era realizável. Entretanto, sugeri que nós manipulássemos Broe com muita discrição.

ITT — Washington	1961	132.8
1707 L. Street NW	1962	169.5
Washington D. C.	1963	83.7
Memorando Interno	1964	127.4
<i>Remetente:</i> J. D. Neal (há uma assinatura ininteligível)	1965	130.9
<i>Destinatário:</i> W. R. Merriam	1966	107.7
<i>Data:</i> 30 de Setembro de 1970	1967	284.6
<i>Assunto:</i> O Chile — uma política discutível por parte dos Estados Unidos.	1968	99.8
		1.136.4

A probabilidade de Allende vir a tomar conta do poder — que infelizmente se torna cada vez maior — é perfeitamente conhecida pelo Departamento de Estado e pela embaixada, em Santiago. Ambos pensam que Allende vai começar sistematicamente a atacar as empresas estrangeiras.

Prevenidos como estamos, deveríamos esperar que a Administração Nixon esteja preparada para tomar rapidamente medidas, em ordem a exercer pressão sobre Allende.

Entretanto, dada a fraqueza da nossa política no hemisfério, durante os dois últimos anos, não podemos contar com uma acção tão efectiva e imediata.

Receio que o Departamento de Estado convença a Casa Branca a contornar a alteração Hickenlooper, como se fez no Peru, na Bolívia e no Equador, etc.... Em seu lugar, procuro a pressão silenciosa (?) que exigirá a suspensão do auxílio e de instruções aos representantes norte-americanos nos bancos internacionais, para que votem contra ou se abstenham de votar sobre os empréstimos ao Chile.

Durante os últimos anos, o Departamento de Estado previu um aumento brusco do marxismo no Chile, previu igualmente que se iria chegar à ameaça nas eleições de Setembro de 1970. Sabendo isto, os Estados Unidos aumentaram a sua assistência económica no programa da AID, para ajudar o Chile a permanecer na democracia.

Eis o custo da nossa assistência económica no Chile entre 1961 e 1968, em milhões de dólares.

O cálculo para 1969 é superior a 100 milhões e outro tanto para 1970.

O total mencionado inclui as dívidas e empréstimos da AID. Há algumas semanas o Departamento de Estado avaliou o total dos empréstimos não pagos num bilião de dólares. Allende já manifestou o seu desejo de entrar em negociações com esta cifra; quer provavelmente oferecer em troca títulos chilenos!

Ora isto significa que os Estados Unidos se deram conta do perigo do marxismo no Chile; e combateram-no com ordens de pagamento e empréstimos; mas não tomaram a precaução suplementar de seguir a sua intuição, participando mais activamente durante o período pré-eleitoral, a fim de assegurar a derrota de Allende.

O Departamento de Estado e a AID admitiram nas audiências públicas do Congresso que «o Chile é um país duma importância particular para a assistência dos EU, dado o seu papel político no hemisfério. Continuamos a dizer que a generosa política de empréstimos dos EU ao Chile se justifica, porque o dinheiro é lá colocado, para ajudar a combater o marxismo». Entretanto, no momento em que o seu programa não conseguiu impedir que Allende ganhasse as eleições, os EU dizem que «se trata dum assunto chileno e que por essa mesma razão, não devemos intervir».

Porque é que os EU tentaram ser angélicos e piedosos, em Setembro e Outubro de 1970, enquanto que, nos últimos anos, lançaram pelas janelas o dinheiro dos contribuintes, no Chile, reconhecendo que era para afastar o marxismo? Porque é que não se pode continuar a luta quando a batalha ronda a nossa porta e o inimigo é identificável com muito mais clareza?

ITT — Escritório de Washington  
1707 L Street NW  
Washington D. C.

Memorando Interno

*Data:* 7 de Outubro de 1970  
*Remetente:* W. R. Merriam  
*Destinatário:* E. J. Gerrity  
*Assunto:* O Chile.

O nosso homem não nos informa sobre algo de novo e diz «que o quadro não é cor de rosa». Diz que a coluna de Prewett se excedeu. Vários apelos às firmas como GM, Ford e Bancos da Califórnia e de Nova Iorque não obtiveram nenhuma oferta de auxílio. Todos apresentam um alibi. Os jornais ingleses capitularam. A sua única mensagem é que todos devem manter a pressão sobre Allende, para que não governe com «o apoio total» e também em ordem ao enfraquecimento, que poderemos obter, após as eleições. «Há sempre a possibilidade que, mais tarde, qualquer coisa venha a acontecer».

A informação que recebemos de Hendrix e de Berrellez é exacta, concreta e concisa, contrariamente às que chegam geralmente do Chile. O Departamento de Estado diz estar inundado de rumores e de factos; quer dizer que lá não lhes faltam informações.

Todos prevêem a vitória de Allende no Congresso, se não houver um milagre nos últimos momentos. Não há nenhuma, repito, nenhuma notícia digna de crédito que revele qualquer outra possibilidade de impedir a vitória de Allende.

O Departamento de Estado disse que um factor, que facilitou o caminho a Allende, foi o facto do Presidente Frei não ter tomado uma posição enérgica contra o Doutor Allende. Eles têm a impressão de que ele poderia ter sido impedido, se Frei se tivesse mostrado firme, em favor do seu país, e se tivesse deixado de desempenhar o papel de Hamlet, com o seu desejo de ficar para a história, como sendo o grande democrata. Frei não conseguiu unificar os democratas cristãos, como se esperava que o fizesse.

A falta de actividade política enérgica da parte do Chile im-

pediu os estrangeiros, como os EU e a Argentina, de colaborarem eficazmente na derrota de Allende.

O Secretário de Estado assistente Meyer parte amanhã, para ficar durante uma semana em Haiti e em São Domingos (enquanto que Santiago está a arder!).

*Data:* 9 de Outubro de 1970

*Pessoal e confidencial*

*Remetente:* W. Merriam (agora a palavra está manuscrita).  
*Destinatário:* Sr. MacCone (há uma nota manuscrita que diz: esta palavra riscada é ininteligível para a CIA).

À sugestão de Ned Gerrity, acrescento o resumo dum relatório que recebi recentemente enviado pelos nossos representantes da América Latina. Creio que o julgará interessante.

Hoje, almocei com o nosso representante da agência McLean (\*) e passo a resumir-lhe os resultados da nossa conversa. Ele está muito, mesmo muito pessimista, quanto à possibilidade duma derrota de Allende, no momento da votação do Congresso, em 24 de Outubro. Continuam os contactos para recrutar elementos das Forças Armadas, para que dirijam certas formas de rebelião — mas até agora, nada se conseguiu.

Ao mesmo tempo, Allende continua as suas reuniões com pequenos grupos do Exército, da Marinha e da Força Aérea, aos quais prometeu que ia cuidar pessoalmente da sua promoção; que lhes ia aumentar o vencimento, etc. ... Assim é fácil de compreender, porque é que é problemático levar os militares a actuar.

Para pôr em prática o voto aprovado no fim da semana passada — que ordenava à hierarquia democrata cristã a redacção duma alteração constitucional, que deveria ser aceite por Allende, e que viria a limitar algumas das suas ideias extremistas, foram constituídos vários pequenos comités compostos por três pessoas. É interessante observar que as pessoas nomeadas para trabalhar

(\*) McLean = CIA. (N. do T.)

nestes comités são todas favoráveis a Allende, embora tècnica-mente se digam democrato-cristãs.

Na prática, não se fez nenhum progresso para levar as firmas americanas a cooperar de qualquer modo, para produzirem o caos económico. GM e Ford, por exemplo, dizem que possuem demasiados investimentos no Chile para correrem riscos e que estão sempre à espera de que tudo irá correr pelo melhor. O «Bank of America» aceitou fechar os seus escritórios, em Santiago, mas adia cada vez mais o que é inevitável. Segundo a minha fonte de informações, devemos continuar a exercer pressão sobre as firmas.

Fiquei bastante surpreendido ao saber que, segundo a opinião dessa pessoa, a Administração Nixon vai aplicar uma linha muito, muito dura, quando e se Allende for eleito. Logo que comecem as confiscações, e se não houver uma compensação adequada — ainda segundo a opinião da mesma pessoa — todas as fontes de auxílio americano, quer seja através da cooperação, quer das agências de empréstimos em Washington, serão cortadas. Assegura-me que desta vez o Presidente (mais vale tarde do que nunca) ponderou longa e sèriamente a situação e está disposto a agir.

Já soubemos por meio de escalões inferiores do Departamento de Estado que a alteração Hickenlooper(\*) não será invocada. Esta política deve ter mudado, ou muitas pessoas dos escalões inferiores nada sabem da mudança. É a primeira coisa encorajante que ouvimos, porque Nixon, salvo raras excepções, deu pouca atenção à América Latina.

#### *Derrota improvável de Allende*

Uma derrota parlamentar para Allende parece improvável neste momento. O candidato democrato-cristão Radomiro Tomic, que perdeu, apoia agora Allende e pode fazer com que um

---

(\*) Nota do Trad.: trata-se duma alteração na constituição americana que corta o auxílio dos EU a todos os países estrangeiros, que nacionalizem unilateralmente os bens das companhias americanas.

importante sector do PDC vote por ele. Relatórios vindos de Santiago indicam que houve um acordo pré-eleitoral, para que nem um nem outro apoiassem Alessandri na votação do Congresso. Parece certo que se pode considerar que Tomic permanecerá inabalável no seu apoio a Allende.

Apesar do pessimismo, tentou-se impulsionar Frei e ou os militares, para impedir Allende... Continuam também os esforços para provocar a extrema esquerda, em ordem a uma reacção violenta, que produziria a atmosfera necessária para justificar uma intervenção militar.

#### *Fraqueza de Frei*

O Departamento de Estado assinala que um dos factores que abriu o caminho a Allende, foi o erro de Frei, que não tomou uma posição forte contra o Dr. Allende. Têm a impressão que ele poderia ter sido impedido, se Frei tivesse continuado firme em relação ao seu país e não tivesse tentado fazer-se passar por Hamlet, ao querer passar à história, como um grande democrata. Frei não conseguiu reunir os democratas cristãos, como se julgava possível.

Toda esta avaliação acerca da fraqueza de Frei foi confirmada no momento da crise. Pior ainda, sabe-se, sem sombra de dúvida, que ele jogou com um pau de dois bicos, para preservar a sua própria posição ou a sua imagem de campeão da democracia na América Latina. Por exemplo: disse a alguns dos seus ministros que estava disposto a ser destronado por um golpe de estado militar. Assim ficaria absolvido de toda a cumplicidade com um golpe de estado que, por sua vez, também derrubaria Allende. Pouco depois, mudou de ideias e disse aos chefes militares que era absolutamente contra um golpe de estado.

Um grupo de políticos distintos e de directores de empresa visitaram Frei, no domingo passado, para o prevenirem das suas preocupações sobre os erros, que ele estava a cometer. O resultado desta confrontação e a sua finalidade principal não puderam ser determinadas. Supõe-se, no entanto, que ao confrontar-se com Frei, este grupo esperava fazer pressão sobre ele para que se movimentasse numa direcção definida e desejada.

### *Pressões económicas*

Alguns sectores económicos estão prontos para estimular um colapso económico, na esperança de que ele viria a dar lugar a uma intervenção militar ou a um reforço de Alessandri na votação do Congresso. Fazem-se esforços em segredo para levar à bancarrota um ou dois dos maiores grupos de Depósitos e de Empréstimos. Tudo isto provocaria uma corrida bancária e o encerramento de algumas fábricas, e por consequência um aumento de desemprego.

A pressão resultante dum caos económico poderia forçar um sector maioritário do Partido Democrato - Cristão a reconsiderar a sua posição relativamente a Alessandri, na altura da votação parlamentar. Tornar-se-ia evidente que a comunidade financeira não tem confiança na futura política de Allende e que a salvação do país inteiro estava em jogo.

Mais importante ainda, o desemprego e a inquietação das massas podem originar uma violência suficiente para fazer intervir os militares. O êxito desta manobra depende em grande parte da reacção violenta da extrema esquerda (castrista-marxista) da facção de Allende.

É certo que Allende está ao corrente deste plano; fez-lhe referência nas suas últimas declarações públicas. Também é certo que está ao par da cumplicidade do governo e de Frei. Na semana passada, o Ministro das Finanças escreveu um relatório pessimista sobre a economia, atribuindo a responsabilidade do facto aos resultados da eleição de 4 de Setembro. O relatório público foi difundido com as bênçãos de Frei. Muito embora pareça uma avaliação objectiva e realista das condições económicas, o relatório deu lugar a severas críticas, por parte do sector Allendista, que o considera provocante.

Uma facção da extrema direita provocou uma série de actos terroristas no domingo, dia 27 de Setembro (na maior parte dos casos, bombas), o que pareceu uma espécie de tentativa dos partidários, para provocar no sector castrista-marxista uma violenta resposta, que por sua vez produziria as condições necessárias para uma intervenção militar.

O terrorismo não conseguiu mais do que uma rápida acção da polícia, que teve como consequência a prisão de alguns ter-

roristas. Segundo fontes bem autorizadas, tratou-se da última da extrema-direita, para provocar deste modo particular a extrema-esquerda.

### *Ambiente de ineficácia*

Esta inércia chilena teve como resultado um ambiente de derrota, que se apoderou de importantes e influentes sectores da comunidade; alguns homens de negócios que estavam decididos a tentar impedir Allende, falam agora de tentativas de pactuar com ele. Outros preparam-se para abandonar o país.

Outro comentário do Departamento de Estado foi que os chilenos não têm reagido violentamente contra Allende, o que torna difícil aos estrangeiros, como os EU e a Argentina, qualquer forma de movimento, para impedir o acesso de Allende, quer seja feito abertamente ou não.

### *Os Russos*

Durante este período, os russos têm estado muito ocupados em reforçar as defesas de Allende. Após a eleição de 4 de Setembro, a Embaixada Russa de Santiago conta com 20 novos funcionários.

ITT — Escritório de Washington  
1707 L Street NW  
Washington D. C. 20036  
Data: 15 de Outubro de 1970

Memorando Interno

De: J. N. Neal  
Destinatário: Sr. W. R. Merriam

Esta manhã, visitei o Embaixador dos EU no Chile, Edward M. Korry, que se encontra em Washington, em missão de serviço.

#### *Allende actuará lentamente*

O Embaixador julga que Allende irá proceder com cautela. Não terá necessidade de apresentar novas leis, dado que vai ter poderes suficientes para realizar a maior parte do seu programa socialista.

O Embaixador disse que, pondo de lado os numerosos defeitos, crenças e ideias de Allende, é um homem de palavra; é pois certo que cumprirá as promessas da sua campanha. Donde se segue a nacionalização de tudo o que ele julgar conveniente, de acordo com o seu esquema marxista.

Estas medidas contra as firmas privadas dos EU levarão rapidamente Allende a uma confrontação frontal com a linha política dos Estados Unidos.

#### *Corte do auxílio*

O Embaixador Korry disse que reduziu o mais que pôde o montante do auxílio dos EU, «que estava já canalizado». Calcula que o montante é de 30.000.000 de dólares.

Há quantias muito maiores, para as quais o Chile obteve cartas de crédito, mas não disse quanto.

O Embaixador disse que tinha dificuldades em convencer Washington da necessidade de «cortar» todo o auxílio possível ao Chile; mas que insistiu, porque tem necessidade disso para negociar.

Os Estados Unidos devem negar o «corte» e dizer como no passado: «não há suspensão de auxílio ao Chile; o programa está em revisão».

#### *Equipamento militar*

O Embaixador Korry disse que, em relação ao auxílio militar, a situação não era vantajosa, porque o Chile não o procurará, por enquanto. Tem a impressão de que Allende, muito em breve, terá necessidade de equipamento para os militares.

Disse-lhe que, se nós não lho levarmos, os Russos o farão. O Embaixador julga que não. Julga igualmente que o Exército Chileno precisaria de muito tempo para trocar o equipamento dos Estados Unidos pelo equipamento russo.

#### *Linha dura dos EU*

O Embaixador disse que, se Allende começar a expropriação das empresas americanas, os EU devem exigir uma compensação imediata e justa, em dólares. Se as Companhias americanas do cobre forem expropriadas, deve ser convencionado um pagamento em minério.

O Embaixador revelou que tinha pensado numa linha dura contra Allende, no respeitante ao cumprimento das obrigações.

Pessoalmente, tem a impressão de que Allende pagará as suas dívidas, para manter o prestígio internacional do Chile.

O Embaixador Korry julga que os pontos de pressão, de que dispõem os EU em relação a Allende, compreendem os nossos fundos para o desenvolvimento, o mercado para os produtos do Chile, o nosso prestígio mundial, etc.... Parece que o Embaixador julga que pode insistir para que Allende se limite aos processos democráticos internos, de preferência a ser um instrumento de Castro e da Rússia.

#### *A Rússia*

Em relação à Rússia, Korry nega o papel que os russos teriam desempenhado na eleição de Allende.

#### *Felipe Herrera*

O Embaixador disse que teve uma longuíssima conversa com Herrera, por altura da estadia em Santiago. Evidentemente que a carta de felicitações de Herrera a Allende foi um erro, porque Herrera disse a Korry que Allende lhe manifestou que ele só era aceitável como membro do Gabinete. Korry e eu julgamos que é conveniente que Herrera saia do Banco (BID) e deverá ser substituído por alguém, que seja capaz de administrar o Banco de maneira mais dura.

#### *Tomic*

Korry tem a impressão de que o insucesso eleitoral de Tomic o queimou e de que, politicamente, todos os caminhos lhe estavam fechados. Parece que ele tem pouca estima ou mesmo

nenhuma por Tomic e julga que o acordo secreto deste, para dar o seu apoio a Allende na etapa final, lhe foi prejudicial.

*A Política dos EU em relação a Allende*

O Embaixador disse que há várias alternativas de acção, sendo a principal provocar Allende e causar deste modo o corte das nossas relações com o Chile e perder tudo, sem ter experimentado todos os meios.

A segunda seria procurar um «modus vivendi» com Allende -- não apaziguá-lo --, adoptar uma linha dura, mas tentar negociar aproveitando todas as ocasiões.

A segunda alternativa parece ser a que vai ser adoptada pelos EU. A posição deverá ser tomada, em breve, por ocasião da investidura de Allende, em Novembro: o presidente Nixon deve enviar uma mensagem de felicitações, que a não ser assim, todo o mundo viria a conhecer a afronta.

O Embaixador Korry desejava saber se o Sr. Geneen passaria em Nova Iorque este fim de semana, pois nessa altura tentaria avistar-se com ele. Disse-lhe que o Sr. Geneen nessa data estaria no Cabo ou em Maine, mas que provavelmente poderia telefonar ao embaixador no princípio da próxima semana.

O Sr. Korry disse que, se o Sr. Geneen tivesse qualquer ideia sobre a política dos EU para com o governo de Allende, esperava que a transmitisse imediatamente à Casa Branca. Disse que outras companhias americanas com interesses no Chile deveriam proceder de modo idêntico. Entende «que qualquer queixa ou ideia devem ser formuladas, de preferência, antes de 24 de Outubro».

ITT — Sede Internacional

Pessoal e Confidencial

Data: 16 de Outubro de 1970

Nas suas respostas, pede-se o favor de citar o «dossier»

Destinatário: E. J. Gerrity

Remetente: H. Hendrix (ditada por telefone de San Juan).

Assunto: O Chile

A não ser através duma acção dos militares dissidentes, no meio da próxima semana, a opinião geral em Santiago é que Salvador Allende ganhará com facilidade, em 24 de Outubro, a votação final do Congresso e assumirá a Presidência, em 4 de Novembro.

A possibilidade dum golpe militar é fraca, mas mantém-se ainda, pelo menos até essa data.

Uma pessoa-chave para esta possibilidade é o ex-brigadeiro general Roberto Viaux, que, em Outubro passado, chefiou uma insurreição de elementos do Primeiro Regimento de Artilharia, que exigia um aumento dos vencimentos e de melhoria das condições de trabalho. Esta revolta fracassou rapidamente, Viaux foi expulso do exército sem mais, mas, dum dia para o outro, a sua actividade transformou-o em herói para um grupo de oficiais em serviço ou reformados e o pessoal de carreira.

Sem sombra de dúvida, Viaux estava a preparar uma acção na semana passada. No Chile, havia rumores sobre um golpe de estado, que ele iria fazer em 9 ou 10 de Outubro e esses rumores chegaram até Buenos Aires, Argentina.

É um facto que, de Washington, foram dadas a Viaux instruções no sentido de recuar. Tinha-se a sensação de que não estava devidamente preparado e de que estava desfasado no tempo e devia portanto «arrefecer» até uma data posterior e não especificada. Alguns emissários fizeram-lhe saber que, se ele agisse de modo prematuro e perdesse, a sua derrota equivaleria a uma «Baía dos Porcos no Chile».

Para o convencerem a esperar, garantiram-lhe que receberia assistência material e apoio dos EU e de outros para uma manobra posterior. Deve assinalar-se que alguns amigos de Viaux dizem que ele está céptico, diante de garantias puramente verbais.

Nesse intervalo de tempo, Viaux esteve em comunicação

com oficiais de todos os postos, para tratar da necessidade de tomarem algumas medidas, destinadas a impedir que Allende se tornasse Presidente. Tem várias ofertas de apoio, mas infelizmente nenhuma de comandante de tropas importantes, pelo menos tanto quanto nós sabemos.

Evidentemente, Allende deve estar ao corrente desta espécie de conspiração, dado que a sua União Popular penetrou profundamente em todo o Chile. Num discurso improvisado no princípio desta semana, fez notar que o Chile «estava agora cheio de agentes da CIA».

Observei um pormenor significativo durante a semana em que estive no Chile. O comandante do Exército, o Almirante Fernando Porta, entrou provisoriamente em férias. A sua saída brusca foi atribuída não-oficialmente, a uma reunião de outros quatro almirantes com Allende, segundo informações, com a aprovação de Porta. Supõe-se que a reunião tinha por finalidade obter o apoio da marinha em favor de Allende.

É significativo que, apesar de todas as especulações e rumores sobre Viaux, não foi tomada qualquer medida contra ele. Entretanto, o Comandante do Exército, o General Schneider, não manifestou ainda o seu apoio a Viaux.

Entretanto, Allende e os seus representantes cortejaram com entusiasmo as Forças Armadas em diferentes níveis e continuaram a infiltrar-se entre os militares de postos subalternos. Houve vários que aceitaram apoiar Allende, após as suas promessas de dar ao exército um papel mais importante no desenvolvimento da infra-estrutura do país, semelhante ao trabalho do corpo de Engenheiros dos EU.

Allende prometeu também a vários oficiais que não modificaria a estrutura da organização militar. Mas não tomou nenhum compromisso em relação ao pessoal militar. Um oficial reformado assinala que Allende, como Presidente, pode limitar-se a conceder no momento oportuno uma promoção de general a um major ou um coronel leal, e todos os oficiais, que têm um posto superior ao do oficial promovido, abandonarão o comando automaticamente, para se reformarem. É uma tática que não é rara na América Latina.

Na semana passada, no Chile, havia muitos rumores; nesta semana, dá-se o contrário. A capital encontra-se numa situação

de depressão, o grande público parece resignado com a vitória de Allende e a preocupação do momento é saber como se vai sobreviver ou viver com um governo marxista. Alguns porta-vozes anti-allendistas, que apregoam esta resignação, falam em começar a trabalhar para ganhar um «second round».

Qualquer forma de espírito de resistência, que ainda existia em vários grupos anti-Allende, foi dissipada pela decisão que a Direcção Nacional da Democracia Cristã tomou, no sentido de apoiar Allende na votação do Congresso, marcada para 5 de Outubro. Allende adoptou uma linha dura com o PDC, a partir do momento em que teve assegurados 25% dos seus votos. Desde então, os grupos do Partido Radical e do Partido Nacional, que até agora tinha hesitado, embarcaram na vitória de Allende. Além disso, há presentemente indícios de que um número importante dos votos de Alessandri serão dados a Allende.

Esta semana, Allende teve uma série de reuniões com dirigentes financeiros chilenos, no intuito de obter o seu apoio. Segundo as informações, ele esclareceu os seus visitantes sobre as suas intenções de executar rapidamente os seus planos de nacionalização das indústrias, pela via legal, e com a ajuda dum Congresso, que será preciso controlar. Não definiu claramente uma forma de compensação nos seus planos de nacionalização da exploração mineira de base, da banca, das comunicações, tanto nacionais como estrangeiras, no Chile.

Notícias clandestinas assinalam que Allende está muito preocupado com a fraqueza da economia chilena. Está pior do que ele julgava no princípio, segundo alguns visitantes, e diz-se que Allende submeteu o problema a «um muito doloroso re-exame». O estado dos negócios continua a piorar em todo o Chile, aumenta o desemprego e continua a fuga dos capitais.

Allende está cada vez mais irritado com os sindicatos, que na sua maioria são controlados pelo Partido Comunista. O Partido Comunista faz parte da coligação da Unidade Popular. Vários sindicatos fazem pressão para obter melhoramentos substanciais dos salários, antes de 4 de Novembro, porque pressentem uma grande demora nos aumentos, sob o governo marxista.

A maior preocupação de Allende a este respeito são os operários da Anaconda Copper Company, nas grandes minas de



Chuquimata, ao Norte do Chile. Mais de 5.000 desses operários estão em greve, desde o dia 1 de Outubro, e podem mantê-la até 4 de Novembro, o que lhe provocaria fortes dores de cabeça, aquando da sua investidura. Esses operários pedem 51% de aumento e não tomaram em consideração os apelos de Allende, no sentido de que retomassem o trabalho. O Governo, como sabe, é actualmente proprietário de 51% da Anaconda. A direcção da Companhia não atendeu as exigências dos operários.

Temos também dificuldades sindicais semelhantes. Os trabalhadores de Chitelco iniciaram uma greve ilegal, na quarta-feira, 15 de Outubro, pela manhã, exigindo aumentos especiais de salário e subsídios de custo de vida. As suas exigências representam mais ou menos 18 milhões de escudos, ou seja «grosso modo», 1,5 milhões de dólares. Ao fim da tarde, mais de 3.500 operários tinham-se integrado na greve. B. Holmes decidiu ignorar as exigências dos trabalhadores e a companhia fez saber ao sindicato e ao governo de Frei que a greve era totalmente ilegal, dado que o acordo sindical era válido até 31 de Dezembro de 1970.

Os trabalhadores da ITT-COM, em Santiago, fazem igualmente pressão em ordem a aumentarem os salários e ameaçam entrar em greve.

De acordo com o que já expliquei a E. R. Wallace por telefone, tivemos um cocktail de imprensa na quarta-feira à noite, em Santiago, para mostrar o novo hotel San Cristobal. Cerca de 50 jornalistas, incluindo um pequeno grupo de correspondentes estrangeiros em visita ao nosso país, foram convidados a conhecer o hotel, após o cocktail. Não havia mais convidados, a não ser os executivos locais do Sheraton e B. Holmes.

O Director Geral, Fernando Hoffman, abriu o San Cristobal na quinta-feira passada, 16 de Outubro pela manhã, sem qualquer cerimónia. Os seus primeiros hóspedes, um grupo de cerca de 75 pessoas dum «Tour American Express», eram aguardados na quinta-feira.

O hotel parece magnífico. A sua decoração interior é de muito bom gosto e excepcionalmente bem feita. Trabalharão nele 255 empregados. Por enquanto, apenas dois dos sete andares estão abertos ao público. Hoffman disse que há vários

grupos americanos, que reservaram o hotel para os próximos meses, o que poderá assegurar-lhe uma grande afluência.

HH: pm

com cópia: E. R. Wallace  
K. Perkins

Pessoal e Confidencial  
20 de Outubro de 1970

A retirada de Jorge Alessandri da eleição definitiva no Congresso para a Presidência do Chile, que ontem ocorreu em Santiago, foi a consequência final do fracasso da resistência à eleição de Allende.

Numa mensagem aos seus partidários do Partido Nacional, da direita, Alessandri declarou que não desejava os seus votos para a eleição do sábado. Na sua mensagem, havia também uma nota de apoio pessoal a Allende, assegurando deste modo que os partidários de Alessandri devem votar por Allende, numa demonstração de Unidade Nacional.

A semana passada, pensava-se em Santiago que Alessandri iria encaminhar-se neste sentido. Os seus principais conselheiros declararam que ele estava irritado contra o Presidente Frei, porque julgava que este o tinha enganado nos seus planos pós-eleitorais, para fazer triunfar Allende. Frei fez exactamente isso.

Agora as pessoas estão resignados com a vitória fácil de Allende no Congresso e o mais provável é que ele saia vencedor, em 4 de Novembro.

Se exceptuarmos os partidários de Allende, uma nuvem de depressão e de preocupações afectam Santiago e não há nenhum sinal exterior de oposição organizada. Uma vez que os demócratas cristãos se voltaram para Allende, durante a sua convenção nacional de 5 de Outubro, a esperança em travar Allende e a sua Unidade Popular marxista socialista desvaneceu-se rapidamente e um espírito pessimista domina fortemente.

Nesta atmosfera, vários chilenos começaram a reflectir no que podem agora fazer, para sobreviverem económica e politicamente, num governo marxista. Por este motivo, não virá a constituir surpresa o anúncio de futuros tratados e de arranjos com Allende.

Apesar de tudo isto, ainda há no Chile a ténue esperança — ou talvez se trate antes de ilusões alimentadas pela esperança — de que venha a dar-se um golpe militar, para impedir que Allende tenha acesso à presidência.

As probabilidades dum golpe militar diminuem cada vez mais, mas certas personagens civis e militares continuam à espera de que o ex-general de brigada Roberto Viaux assuma a chefia duma acção militar contra o especulador, que não satisfaz as suas promessas, ou seja o Presidente E. Frei, antes de 4 de Novembro, para colocar as forças armadas no poder e impedir assim que Allende o assuma.

Viaux possui um apoio popular considerável nas camadas mais baixas das Forças Armadas e algum apoio entre os oficiais. Mas, até agora, não foi bem sucedido em nenhum dos seus pedidos de apoio, junto dos oficiais, que comandam as tropas.

Allende prossegue quase diariamente as suas reuniões com os dirigentes comerciais, industriais e militares, para explicar o seu programa e procurar apoio.

Os seus esforços deram já frutos. Revelou que projecta proceder o mais depressa possível à nacionalização das indústrias, que tiram benefícios indiscutíveis no Chile, usando meios legais e concedendo indemnizações, mas sem as especificar. Convenceu numerosos oficiais de que não perturbaria a estrutura militar.

Allende receberá a herança duma economia em situação crítica. Herdará também, aparentemente, uma considerável eferescência dos trabalhadores, e indicou que seguiria uma linha dura contra a insegurança sindical e as reivindicações de aumento de salário. Foi por isso que os sindicatos — controlados na sua maioria pelos comunistas — exercem pressão actualmente, em ordem a um melhoramento dos salários e de subsídios, por meio de greves irresponsáveis. A greve da Anaconda e uma outra contra a Companhia dos Telefones do Chile constituem exemplos.

A crise contra o Embaixador Korry e o seu superior no De-

partamento de Estado chegou presentemente a um tal ponto que ele começou a tratar directamente com a Casa Branca e não pertilha a sua informação e as suas instruções com o Departamento de Estado. Korry estava em Washington, na semana passada, em missão de sondagem e supunha-se que voltaria a Santiago no fim de semana. Mas ficou na zona de Washington e de Nova Iorque por breve tempo.

Diz-se, entre os colegas de Korry, que Charles Meyer e o seu subalterno John Crimmons, estão decididos a retirar Korry do Chile e, se for possível, do Departamento.

Em resumo, no Chile há actualmente poucas indicações de um pequeno foco de resistência a Allende, se exceptuarmos a eclosão dum golpe militar. Alguns chilenos falam em pôr de novo em funcionamento um «second round» contra Allende, mas admitem igualmente que as suas possibilidades são mínimas.

ITT — Sede Internacional

*Data:* 20 de Outubro de 1970

*Destinatário:* Sr. H. S. Geneen

*Remetente:* E. J. Gerrity, Jr.

*Assunto:* Depois do acontecimento.

(Nas suas respostas, queira citar o «dossier».)  
Confidencial

Se supusermos que Allende vai ter acesso à Presidência, em 4 de Novembro, a não ser que se verifique um golpe militar à última hora, as linhas gerais do plano de acção seguinte são recomendadas para nos protegermos o melhor possível e nos prepararmos para as reacções inevitáveis, que hão-de chegar principalmente da Argentina e do Brasil.

De facto, embora Allende não esteja ainda formalmente investido, já se sentem os seus efeitos na Argentina, conforme o

assinalam os nossos relatórios e conforme o tínhamos previsto.

É importante estabelecer o que se segue por escrito:

Qual é a opinião do Departamento de Estado acerca dos investimentos dos Estados Unidos no Chile?

No caso duma expropriação, que farão os Estados Unidos? Tomarão uma linha dura ou antes o «caminho doce» usado, a princípio, no Peru e na Bolívia depois? Vão fazer pressão em ordem a um pagamento em dólares aos proprietários expropriados?

Invocarão a alteração Hichenlooper, e no caso de o fazerem, valerá alguma coisa? Que é que está em jogo? Cortarão com o auxílio da AID? (peço-lhe que tenha a amabilidade de ver o relatório de Jack Neal sobre a conversa com o Embaixador Korry, o qual, no dizer de Neal, afirmou que obteve a aprovação para cortar o auxílio, no caso de se fazer a expropriação, e que os fundos de auxílio, já concedidos, seriam cortados na medida do possível. Se acontecer o pior, não vejo qualquer razão para continuar a manter o auxílio, seja de que maneira for).

Qual será, segundo o Departamento de Estado, o efeito da tomada de poder por Allende no resto da América Latina?

Julgamos que o Departamento de Estado deve ter em conta certos documentos escritos, que representam uma troca de pontos de vista destinados a estabelecer efectivamente uma história formal dos factos. O Departamento de Estado enganou-se redondamente sobre o desfecho dos acontecimentos no Chile, como aliás os outros organismos estatais; mas o Departamento de Estado tem a responsabilidade fundamental da posição dos USA e enganou-se sistematicamente. Supomos, apoiados na base da sua história, que se enganará provavelmente quanto aos efeitos da Presidência de Allende.

Seguindo a opinião dum dos membros do Directório, propomos que o programa acima delineado seja realizado com: o Dr. Kissinger, Sr. Meyer e Sr. Irxin, do Departamento de Estado, certas pessoas a designar e, finalmente, com o secretário Rogers e com o Presidente. Uma vez feitas estas visitas, deveríamos exigir que os representantes americanos nos bancos internacionais tomem uma posição enérgica contra qualquer empréstimo ao país, que expropria companhias americanas, ou faz discriminação em face aos capitais privados estrangeiros.

Como parte da acção global, deveríamos pedir aos nossos amigos no Congresso que previnam a Administração de que o mau tratamento sofrido pelo capital privado dos USA provocará uma suspensão dos fundos das contribuições dos USA nos bancos internacionais.

Allende já começou a fazer o controle das comunicações — imprensa, rádio, T. V. no Chile — imitando assim o seu amigo Fidel Castro ou os chineses vermelhos ou ainda os «ditadores do proletariado» de qualquer parte do mundo. Só «El Mercurio» e a rádio «Cooperativa Vitalicia» fazem frente às ameaças e intimidações; logo que Allende comece a governar o país, o futuro de ambos será cancelado.

A liberdade morre pouco a pouco no Chile e o que isto significa para a América Latina e para nós, para os homens livres de todo o mundo, não é nada agradável de contemplar.

Deveríamos oferecer um plano adicional de acção, que compreenderia a redução da representação diplomática americana nas capitais sul-americanas como Santiago, Lima, La Paz, Quito, etc... Poderíamos deixar cada representação entregue a um encarregado de negócios. Não significa isto que os acontecimentos em cada país viessem a ser seguidos com menos atenção, mas constituiriam uma repreensão severa do ponto de vista diplomático.

Deveríamos igualmente dar a devida importância aos contactos com a imprensa e com os membros do Congresso, enquanto se desenrolam os acontecimentos.

Finalmente, devemos continuar a examinar a nossa situação global na América Latina e tal missão deveria ser confiada a um grupo definido.

Trata-se dum assunto de muita importância, porque é evidente que os acontecimentos vão levar os nossos investimentos e os nossos accionistas a um exame aprofundado das nossas actividades na América Latina. Ao fazermos tal balanço, vemos que a situação actual não nos fornece nenhum motivo de optimismo.

Dado que a nossa posição no Chile está ligada à nossa posição global na América Latina e, visto que ela tem tanta importância para os nossos accionistas, creio que o Senhor deverá reunir-se em Washington, com os mais altos funcionários do

Governo, para lhes exprimir a nossa preocupação extraordinária, em relação a acontecimentos, que possuem um tal peso.

Este programa foi discutido com o Sr. Aibel, o Sr. Brittenharm, o Sr. Dunleavy, o Sr. Guilfoyle e o Sr. Merriam, assim como com o Sr. Hendrix, o Sr. Berrellez, o Sr. Perkins e o Sr. Wallace do nosso Departamento, e todos eles conhecem os seus pormenores.

*Data:* 21 de Outubro de 1970

Sr. John A. McCone  
612 Floower Street  
Los Angeles  
Califórnia 90017

Caro John:

Aqui lhe envio um resumo da situação, sobre que discutimos na passada semana. Está baseado em informações de várias fontes, incluindo as observações pessoais de Hal Hendrix e de Bob Berrellez, que pertence ao meu pessoal, e que estiveram ultimamente nos lugares dos acontecimentos. Hendrix está neste momento em Nova Iorque e Berrellez regressou a Buenos Aires.

Delineámos um programa, como foi sugerido durante as nossas discussões. Brevemente lhe participarei o balanço sobre o desenrolar dos acontecimentos.

Com os meus melhores cumprimentos, sinceramente,

*com cópia:* Sr. Geneen  
Sr. Merriam  
Sr. Wallace/Hendrix

Original assinado por

E. J. Gerrity.

## PESSOAL E CONFIDENCIAL

*Os EU na encruzilhada:*

*Um re-exame necessário da nossa política Latino-Americana*

Os dez anos da inquietação política e militar latino-americana culminaram (remataram) recentemente no Chile, quando um marxista confesso, o Doutor Salvador Allende, foi eleito Presidente. O mundo livre ficou aterrorizado e o capital privado estrangeiro, que já estava recalcitrante por causa dos maus tratos que sofreu no Peru, no Equador e na Bolívia, procura, na sombra, a maneira de proteger os seus investimentos.

Os responsáveis da política em Washington utilizavam o Chile como um símbolo democrático há uns meses atrás. Agora não podem prever como é que o povo do Chile vai ser afectado pela política marxista do doutor Allende, como é que vão ser afectados os seus direitos democráticos e a sua economia. Entretanto, podemos antecipar as consequências, baseados nas promessas de Allende, antes da eleição.

O que aconteceu no Chile põe os USA em face duma realidade latino-americana. O Governo marxista chileno justifica um re-exame da nossa política latino-americana.

Um relatório recente do Congresso diz que mais de 8 biliões de dólares foram canalizados para a América Latina, provenientes de fontes oficiais dos USA, durante os últimos sete anos, o que constitui «apenas um pequeno progresso do desenvolvimento visível».

O relatório diz, entre outras coisas, que «os EU se encontram embaraçados na sua política latino-americana».

O Governo dos EU reconheceu, por diversas vezes nestes últimos anos, que o seu programa de assistência na América Latina não atingiu o seu objectivo. Aqueles que dentre nós trabalharam neste campo, durante quase dez anos, estão profundamente conscientes destes erros.

O público americano está aterrorizado com a incapacidade dos países em se ajudarem mutuamente; está irritado pela falta de responsabilidade e escandalizado pela falta de regras na utilização do dinheiro dos contribuintes dos USA, por parte daqueles

que o procuram, sem a intenção sincera de assumirem a responsabilidade pela sua utilização adequada.

A empresa privada estrangeira está desiludida com o abuso político e moral dos projectos de desenvolvimento que, durante os últimos 50 anos, poderiam ter feito da América Latina uma das áreas mais estáveis do mundo. Como já dissemos, foram investidos na América Latina 8 biliões de dólares, durante os últimos 7 anos.

Um sector responsável no hemisfério está cada vez mais desencorajado em relação às suas esperanças. Medidas governamentais radicais retardaram o desenvolvimento; os capitalistas locais já não têm confiança; os investidores estrangeiros recusam-se a entrar num mercado hostil; o prestígio internacional bancário enfraqueceu notavelmente; daí resulta que as esperanças do povo são destruídas e o desenvolvimento essencial sufocado.

Como o relatório do Congresso, também nós sentimos que estamos embaraçados, porque devemos decidir não apenas se nós próprios devemos voltar aos princípios fundamentais, sobre que este país está fundado, mas também se devemos assumir uma atitude firme, em favor da democracia dos nossos amigos da América Latina, que puseram as suas esperanças e aspirações na nossa força. Não é o momento de negarmos a nossa herança, é o momento da verdade; devemos estar de pé, para conhecermos o nosso valor.

Tendo em linha de conta a formação filosófica de Allende e a força dos partidos comunista e socialista no Chile, não há dúvida alguma que um governo marcadamente anti-USA se está a preparar, para tomar conta do poder: é de notar que um Chile, dominado pelos comunistas, no sul do hemisfério, em combinação com Cuba comunista, no norte, representa novos desafios críticos à segurança nacional e aos interesses dos EU.

Allende afirmou publicamente que pensa estabelecer relações diplomáticas com Cuba e Castro, com a Coreia do Norte e o Vietnam do Norte. Disse que está a estudar um convite a fazer a um grupo de técnicos chineses vermelhos. Deste modo, o Chile pode transformar-se rapidamente numa nova plataforma para conferências anti-USA e para a propaganda, que poderia fazer desaparecer o prestígio e a influência dos EU na América Latina.

Um Chile comunista seria também outra base para a exportação da violência revolucionária inspirada pelo comunismo, especialmente com os países limítrofes do Chile, e uma estação de passagem para o apoio cubano e soviético aos grupos de guerrilheiros nas várias nações sul-americanas.

Além destes perigos políticos, devemos tomar na devida conta a importância estratégica dos recursos do Chile para a segurança dos EU. Existe a possibilidade real de que no futuro a frota soviética possa utilizar o Chile como uma base de operações, como acontece, actualmente, em Cuba.

É evidente que os interesses e os ensejos da União Soviética na América Latina são reais. A ameaça dum regime hostil, com o apoio do partido comunista do Chile, também é real. A nossa política externa não deveria ignorar estes factos, hoje em dia elementares. Este hemisfério é ainda a zona de influência dos EU e seria conveniente que a União Soviética compreendesse tudo isto claramente.

O contribuinte dos EU já não está disposto a sacrificar o dinheiro ganho com o seu suor em tarefas que, como diz o relatório do Congresso, «devem ser basicamente realizadas pelos próprios latino-americanos, embora, apesar de todos os esforços, muitas delas não venham a ser realizadas na próxima década».

O nosso prestígio e a nossa influência encontram-se em maré baixa, na América Latina. Tal facto é devido à nossa política e à nossa diplomacia, que são fracas e indecisas. Não utilizámos convenientemente os instrumentos legais como a alteração Hickenlooper, em nosso proveito, enquanto instrumento diplomático. Entretanto grandes quantidades de auxílio enviado pelos EU continuam a correr para esta região e em quantidades cada vez maiores, enquanto que, ao mesmo tempo, cresce a discriminação em relação aos nossos concidadãos.

O Congresso pensa que este tipo de auxílio deveria acabar; o povo dos EU está seguramente de acordo e as nossas empresas privadas sabem muito bem quanto tudo isto foi improdutivo.

A citação seguinte de 22 de Junho de 1969 do sub-comité dos Assuntos inter-americanos é quase profética: «Deveríamos, entretanto, observar que a cooperação é uma rua de via dupla. O fluxo não pode vir duma única direcção. A nossa boa vontade, em ordem à criação das novas formas de cooperação inter-ameri-

cana, deve ser completada com uma auto-ajuda e uma reforma interna, crescente, através duma boa disposição, com vista ao estabelecimento das regras justas e estáveis, que atraem o capital privado, diminuindo a dependência do auxílio governamental, e através de outras medidas, que venham reforçar os nossos esforços e sacrifícios mútuos».

#### *Medidas dos Estados Unidos em face ao Chile*

Tendo em vista as ameaças desmedidas do Doutor Salvador Allende antes da sua eleição, não deveria haver qualquer hesitação, por parte dos Estados Unidos, em enfrentar o novo Presidente com as novas medidas, que o governo dos Estados Unidos irá tomar, se Allende cumprir as suas ameaças. Não seria isto uma vingança da nossa parte, mas sim um aviso a Allende acerca das medidas, que se iriam seguir.

Julgamos que os Estados Unidos deverão ter em linha de conta o seguinte: 1) Instruções presidenciais para que o Embaixador dos Estados Unidos no Chile peça, o mais depressa possível, uma audiência ao Presidente Allende, para o informar sobre a política dos Estados Unidos. O modo de abordagem deste assunto por meio do Embaixador poderia incluir: *a)* revisão das nossas relações históricas com o Chile; as aspirações democráticas dos nossos dois países; os nossos contributos sob a forma de auxílio, empréstimos favoráveis; assistência militar; auxílio no caso de tremores de terra e de outros desastres; para que tome consciência dum total de mais de mil e quinhentos milhões de dólares gastos no Chile, durante os últimos dez anos; *b)* esboço do importante contributo económico e social dos investimentos privados americanos no Chile; *c)* chamar a atenção para as suas ameaças a essas companhias e informá-lo da profunda inquietação que elas produziram; *d)* fazer referência ao pânico económico súbito, que chocou o país, a partir da eleição de Setembro, e informá-lo das repercussões semelhantes, ocorridas em círculos bancários internacionais. (United Press International informa que o Import-Export Bank pôs o Chile na categoria de grave risco. Informa também que a Overseas Investment Corporation, um outro organismo governamental dos USA, não garante novos investimentos no Chile); *e)* informar o presidente Allende que,

se a sua política implicar a expropriação das propriedades americanas, os Estados Unidos esperam uma indemnização rápida e em dólares dos EU ou em moeda estrangeira convertível, como o direito internacional estipula; *f)* informá-lo de que, sem indemnização rápida, haverá repercussões imediatas dos círculos privados e oficiais. O que poderá vir a significar a suspensão de todos os empréstimos dos bancos internacionais e dos bancos privados dos EU; *g)* continuar nesta mesma linha, com todas as pressões possíveis, que possam impedir as intenções de Allende.

2) No quadro dum re-exame da política latino-americana dos EU, cada Embaixador no hemisfério junto dos EU — e junto da OEA — deveria ser convocado para o Departamento de Estado e aí ser informado individualmente da nossa posição diplomática em relação ao Doutor Allende.

3) Sem informar o Presidente Allende, todos os fundos de auxílio dos EU, já destinados ao Chile, devem ser colocados «sob revisão», para que a entrada de capitais no Chile seja suspensa provisoriamente, com perspectivas duma suspensão permanente, no caso de vir a ser necessária. Nisto incluímos as forças «já em circulação», os papéis de crédito e qualquer outro do mesmo género.

4) É preciso considerar a redução da representação diplomática em certas capitais latino-americanas. Os quadros mais amplos devem ser reduzidos e o cargo ficará entregue a um encarregado de negócios.

ITT — Escritório de Washington  
1707 L Street, NW  
Washington D. C. 20036  
22 de Outubro de 1970

Memorando Interno

*Para:* Sr. E. J. Gerrity  
*De:* Sr. W. R. Merriam  
*Assunto:* O Chile.

Acabo de encontrar o Doutor Danelian, Tim Stanley e Jack Neal para discutir o assunto acima referido. Estudamos todos, em pormenor, as possíveis repercussões no Chile, no caso de se vir a saber que fazemos pressão sobre o Departamento de Estado, em ordem a seguir uma direcção determinada. Eu, pessoalmente, penso que nada temos a perder, quer num sentido quer noutro, a não ser que, evidentemente, as nossas «chamadas» pressões se voltem contra nós próprios, nos outros países latino-americanos. Duvido que tal aconteça.

Um contributo de 2.9 biliões de dólares ao Banco Internacional deve ser discutido no Senado. Este contributo já passou à Câmara, já foi analisado pelo Comité dos Negócios Estrangeiros do Senado e supõe-se que virá a ser adoptado, após o actual recuo económico.

Planeamos, com alguns outros membros da IEPA, abordar os senadores Scott e Mansfiels, para ver se é viável que eles «se esqueçam» de discutir o projecto. Poderíamos preparar declarações, com as quais eles informariam os outros países latino-americanos, de que as acções do Chile os afectam, embora indirectamente.

O Doutor Dan projecta uma reunião do seu Comité latino-americano, no princípio da próxima semana, para ver que outro tipo de pressões poderemos exercer, para fazer com que o Departamento de Estado adopte uma atitude mais rígida. Temos pouca esperança, mas julgamos que as pressões mais afectivas devem ser provenientes dos outros países latino-americanos. Também foi sugerido que se tentasse ver se há alguma grande companhia europeia em situação idêntica à nossa, no Chile ou noutros países latino-americanos. A ser assim, o Senhor julga que haverá alguma possibilidade de as agitar?

Seguidamente, anotemos a nossa ideia dum memorando, que seria apresentado ao Secretário Adjunto Meyer. Jack e eu pensamos que seria talvez mais eficiente que H. S. G. chame Meyer ao telefone e que não lhe seja enviado para o seu gabinete o memorando. Podemos fazê-lo mais tarde, bem entendido, mas a chamada telefónica seria o mais importante.

No fim da tarde, podemos discutir sobre isso; estarei fora do gabinete em Leesburg a maior parte da tarde e Jack Neal tem alguns assuntos pessoais a tratar. Comunicarei com ele, quando voltar, aí pelas 16 ou 16, 30 horas.

ITT — Sede Internacional

Pessoal e Confidencial

*Data:* 22 de Outubro de 1970

*Para:* E. J. Gerrity

*De:* Hal Hendrix

*Assunto:* O CHILE

Bob Berrellez fez esta manhã uma chamada de Santiago para informar que, por volta das 8 horas, houvera um atentado contra a vida do General René Schneider, Comandante-Chefe do Exército.

O General Schneider foi gravemente ferido por tiros disparados dum automóvel, descrito como sendo um Falcon de cor esbranquiçada. Ao que parece, um dos tiros atingiu-o no pescoço.

Um comunicado oficial diz que o estado do General Schneider é «melindroso». Foi transportado rapidamente para o hospital e operado imediatamente. O Presidente Frei e outras individualidades governamentais deslocaram-se ao hospital, onde aguardam o desenrolar do acontecimento.

Os assaltantes puseram-se em fuga e não há qualquer indicio imediato a respeito dos implicados no atentado.

Nos últimos dias entretanto, patrulhas de soldados prede-

ram alguns terroristas da extrema direita, pois supõe-se em Santiago que os responsáveis são terroristas da direita.

Os observadores especulam sobre o atentado dizendo que é:

1) uma desforra contra Schneider motivada pela sua recusa em apoiar os planos dum golpe militar contra Frei, que teria impedido Allende de tomar conta do poder, ou

2) um atentado, para provocar uma violenta reacção da extrema esquerda. Esta última hipótese é considerada como improvável, dada a disciplina rígida, que o Partido Comunista atingiu.

Ontem, as autoridades prenderam um Major reformado dos Carabineiros, José Cabrera, e encontraram um pequeno arsenal em sua casa. Esta manhã, o jornal do Partido Comunista, «El Siglo», em Santiago, declarou que a captura do Major permitiu descobrir um conluio para assassinar Allende. Os principais conspiradores, diz «El Siglo», seriam a C.I.A. e o General Lanusu, na Argentina.

O General Carlos Prat, Chefe do Estado Maior, foi nomeado Comandante-Chefe interinamente.

O exército encontra-se em estado de prevenção e tem ordens para ficar nos quartéis. As estradas que dão acesso a Santiago estão bloqueadas. Há rumores de que os voos aéreos vão ser suspensos, mas Berrellez diz que todos os transportes internacionais continuam em actividade.

Pouco antes do meio-dia, Allende reuniu-se com Frei na Moneda (Palácio Presidencial). Não há nenhum comunicado sobre o assunto que discutiram.

Os estudantes da Universidade Técnica anunciaram projectos de manifestações na rua, esta tarde, para apoiar a «institucionalidade». O significado disto não era explicado nos cartazes, mas é interpretado como uma advertência aos militares, no sentido de que permaneçam nas casernas, para se ocuparem dos seus assuntos.

A CUT, Confederação Nacional do Trabalho (dominada pelo partido comunista) anunciou que começará uma sessão de urgência, a partir das 17,00 horas. Não indicou o assunto da reunião.

Continuaremos atentos à situação. Se termina com uma acção militar ou não, está ainda por se ver, mas nesta etapa, ela

parece duvidosa, devido ao facto do general Prat estar presente no comando. Prat apoiou Schneider na sua atitude para com o general Roberto Viaux, que tinha tentado um golpe militar, anteriormente. Prat, pessoalmente, não gosta de Viaux. Tanto quanto podemos afirmar, Prat terá a mesma lealdade em relação a Frei, que Schneider lhe testemunhou no passado.

Privado e Confidencial

*Data:* 23 de Outubro de 1970

*De:* R. Berrellez, ITTLABA/CHITELCO

*Para:* Hal Hendrix, ITTHONY

*Assunto:* O Chile.

Um grupo de operários, que se apresentou como sendo o «Comité de Orientação Política» da Unidade Popular de Allende, visitou a Standard Electric, Chitelco e a ICO (World-Com), na passada semana, para fazer conferências sobre a política das comunicações do novo governo.

Aparentemente, ninguém, nas fábricas, verificou se se tratava duma delegação autêntica ou então duma equipa auto-designada, que tentou impressionar (e provavelmente intimidar) a direcção e os empregados.

A conferência na Standard Electric foi gravada por Dan Guillen. Recebemos uma cópia. Arturo Prat, da World Com., tomou notas, cujo conteúdo essencial, apresentamos a seguir.

Gillen afirmou que disseram aos trabalhadores que não há planos imediatos para se apoderarem das fábricas, mas que o governo teria mais influência nas futuras linhas de produção e que os trabalhadores teriam igualmente uma representação no Directório.

Na World Com., segundo as notas de Prat, o grupo insistiu



especialmente em que Allende iria criar um governo dos trabalhadores. O porta-voz do grupo, que não se identificou, disse também que a Companhia dos Telefones e a World Com. iriam ser nacionalizadas, no processo que se iniciará no dia em que Allende subir ao poder, em 5 de Novembro. Respondendo às perguntas, disse que não sabia quanto tempo demoraria o processo.

World Com. — disse o porta-voz — sofre da mesma doença: má administração e equipamento antiquado. Se CHITELCO declarou lucros na ordem dos «30.000 milhões de dólares», acrescentou ele, isso quer dizer muito simplesmente que os lucros são muito mais elevados.

Tudo isso poderia melhorar no futuro — sublinhou o porta-voz — e «um serviço dos telefones menos caro estaria à disposição de todas as pessoas e não apenas ao alcance dum punhado de privilegiados». Um vasto programa de expansão seria também empreendido. De modo menos enfático, disse que, pelo menos na fase inicial do programa, os salários e outros benefícios sociais seriam congelados.

All American Cables desapareceria — disse o porta-voz —, porque trabalha ilegalmente no Chile.

Afirmou que a Unidade Popular não deseja acabar com os sindicatos, porque eles representam os trabalhadores e o Governo pertence aos trabalhadores. Trata-se provavelmente duma alusão indirecta aos rumores espalhados rapidamente em alguns sectores de trabalho, segundo a qual Allende tinha intenções de acabar com o movimento sindical, como fez Castro. Allende aumentou esses rumores, quando fez saber que acabaria com a «aristocracia do trabalho» dos trabalhadores mineiros no Chile.

Nas suas conclusões pessoais, Prat diz que o tom das conferências era destinado a tranquilizar os trabalhadores, inclusivamente os que não tinham votado por Allende.

Prat diz que o porta-voz não mencionou as propriedades hoteleiras da ITT.

O porta-voz assinalou também que a Standard Electric não seria nacionalizada, porque a sua produção é essencial para a

expansão do sistema telefónico. Aparentemente, ninguém perguntou se isto significava que a produção da fábrica nacionalizada seria inadequada aos fins da expansão.

*Com cópia:* E. J. Gerrity  
E. R. Wallace  
K. Perkins  
E. Dunnet.

Privado e Confidencial

*Data:* 25 de Outubro de 1970

*Para:* Hal Hendrix, Escritório Central da ITT, Nova Iorque

*De:* Robert Berrellez ITT Latino-Americana, B. A. CHITELCO

*Assunto:* Os assuntos chilenos

(enviado por portador)

1) O marxista Salvador Allende foi eleito para a Presidência do Chile pelo Congresso e deu-se o primeiro passo em direcção à comunização total deste país.

2) Face aos recentes acontecimentos, faz-se uma pergunta fundamental: que medidas imediatas tomarão os comunistas para consolidar o lugar estratégico que obtiveram? Um dos seus objectivos mais prováveis é o próprio Allende...

3) Tito deu há pouco as suas bênçãos pessoais ao Chile; é certo que Washington vai provocar a agitação dos liberais de todos os lados, se voltar as costas a Allende. Tais inconsequências serviriam apenas para alimentar as páginas de editoriais.

4) Entretanto, se Washington só ocupar lugar e não fizer nada para impedir o caminho a Allende, vai encorajar uma vira-

gem ainda mais pronunciada para o nacionalismo esquerdista — o que representa perigos ainda maiores para os investimentos estrangeiros — nos outros países latino-americanos.

5) Allende não tem o poder de grande sedução pessoal, que teve o Presidente Frei, e, por conseguinte, não dispõe dum poder de base, suficiente para se movimentar na forma independente a que aspira. Falta-lhe o carisma de Castro e, numa situação crucial não poderia, como Fidel fez, lançar as massas para as ruas em demonstrações massivas de apoio. Pelo menos, sem o apoio dos comunistas e da frente esquerdista, que o puseram no poder.

6) Assim, os comunistas podem, e fá-lo-ão provavelmente, tomar as medidas necessárias, para moldar Allende à sua vontade. Um factor-chave nesta matéria é a economia.

7) O consenso geral é que a eleição de Allende pelo Congresso eliminou os obstáculos, que mantinham a anémica economia chilena. Sem o auxílio de Washington, Allende seria obrigado a voltar-se para os comunistas e para Moscovo. Os Russos não querem outro Tito nas suas mãos. Para fortificar a sua posição, os comunistas deverão entrar em negociações com o Congresso, os Sindicatos e os Militares. O que lhes levantará alguns problemas sérios.

8) Um importante meio de dissuasão para tudo isto são as Forças Armadas. A eliminação do General René Schneider dum lugar de comando (Comandante-chefe das Forças Armadas), faz com que Allende e os comunistas se tornem ainda mais vulneráveis do que antes. O General Schneider, ferido mortalmente num atentado que teve lugar na semana passada, foi descrito como sendo favorável a Allende. Soubese-se que bloqueou os esforços de alguns generais e oficiais mais decididos a fazer um golpe de estado.

9) O seu sucessor, o General Carlos Prat, é apresentado como sendo politicamente moderado, um profissional, que não tolerará devaneios públicos com as Forças Armadas.

10) Contrariamente ao que se esperava, os militares não se mobilizarão contra Allende, durante o próximo fim de semana.

Pensava-se que a morte de Schneider seria um prelúdio para o golpe militar.

11) Uma crença generalizada é que o atentado contra Schneider foi preparado dentro do exército. A tarefa foi demasiado profissional para ser feita por alguns civis — se excluirmos os que são treinados pela Rússia ou por Cuba. Julga-se que o atentado contra Schneider não foi realmente o prelúdio do golpe de estado; foi simplesmente uma manobra hábil, para eliminar da posição de destaque, o único homem, que viria a permitir a Allende penetrar e neutralizar as Forças Armadas..

c. c. E. J. Gerrity, E. R. Wallace, K. Perkins, E. Dunnet.

Escritórios Internacionais

*Data:* 29 de Outubro de 1970

*Para:* Sr. W. R. Merriam

*De:* E. J. Gerrity

*Assunto:* O Chile

No sábado, Salvador Allende, um marxista, foi eleito Presidente do Chile. Não obteve a maioria eleitoral, quando o seu país votou nas urnas, no mês passado. Recebeu aproximadamente 36% dos votos, e assim, a eleição foi levada ao Congresso. Com apoio nesta base, dizem que um marxista foi eleito pela primeira vez livremente no mundo, por uma democracia.

Três anos antes, Allende dizia: «Os USA estão em dificuldades por toda a parte. A vaga do futuro é o marxismo-leninismo».

Se for assim, a liberdade está em perigo por toda a parte. Junto lhe envio o memorando, que descreve sumariamente o passado de Allende e indica o seu pensamento. Ele admira a China Vermelha e relaciona-se com Fidel Castro para se aconselhar. Nas suas mãos, o futuro do Chile não oferece dúvidas.

Incluso:

*De:* E. J. Gerrity

*Para:* W. R. Merriam

*Assunto:* O candidato chileno

Eis algumas notas precisas e pertinentes sobre o Dr. Salvador Allende, que provêm de fonte de confiança absoluta e confidencial.

Fisicamente, Allende é de baixa estatura, rosto avermelhado, cabelos eriçados, e franco a falar. Na sua vida real, não parece tão jovem e atraente como nas fotografias recentes, publicadas no New York Times e na imprensa mundial. Antes de mais, não goza de boa saúde. Tem problemas crónicos de fígado. Teve já um ataque cardíaco e dois infartes menos graves que lhe deixaram uma das faces parcialmente paralizada. É também conhecido como um bom copo, e, naturalmente, este aspecto vem agravar os seus problemas físicos.

Talvez por compensação veste elegantemente e segundo a moda. A propaganda do seu Partido apresenta-o como um homem das massas, mas os seus gostos são refinados e capitalistas: tem uma linda casa de férias, um veleiro e um guarda-roupa completo de fatos em moda.

Intelectualmente, tem uma formação de alta classe média. Mas tornou-se, teimosamente comunista, ao mesmo tempo que conserva alguns traços de mundanismo e de provincianismo.

Desde as eleições chilenas, a imprensa mundial exprimiu verdadeiras esperanças de que o Chile viesse a desenvolver o «seu próprio caminho» para o comunismo, do modo mais democrático e benigno, com liberdades garantidas e um mínimo de alteração da produção e da vida social e cultural. Tais esperanças estão longe das perspectivas reais.

Nunca o governo comunista dum país importante, uma vez instalado no poder, foi destronado do seu lugar. Não há qualquer diferença, pelo facto de Allende ter chegado ao poder como o primeiro Chefe de Estado comunista, democraticamente eleito. É uma loucura acreditar que ele virá a dar outras possibilidades à democracia durante os seis anos do seu governo. Apesar todas as esperanças, é muitíssimo pouco provável que

possa haver de novo eleições livres no Chile. A liberdade está moribunda no Chile. Os partidários de Allende intimidaram toda a imprensa e os emissores de rádio que servem os 9 milhões de habitantes do país. Apenas um jornal, «El Mercurio» e uma estação de rádio têm conseguido resistir às pressões exercidas, para que apoiem Allende. E «El Mercurio», que normalmente aparece com uma edição de 64 páginas na altura da primavera, imprime agora edições de 10 a 20 páginas. Este jornal, universalmente respeitado, simboliza 150 anos de tradição de liberdade de imprensa no Chile. Hoje, «El Mercurio» encontra-se isolado e ninguém sabe quanto tempo poderá resistir. O comunismo chileno vai ser muito parecido com os comunismos chinês e cubano. Allende fez 3 longas visitas à China Vermelha; mandou para lá a sua mulher e a sua filha e preparou visitas à China para jornalistas chilenos.

A filha de Allende, Beatriz, esteve em Cuba, em Setembro. Alguns homens do próprio partido de Allende, o Comité da Unidade Popular, visitaram Havana regularmente para lá receberem instruções e dinheiro — em dólares russos. A própria Beatriz recebeu instruções sobre subversão e a guerrilha em Cuba. Trouxe consigo, ao regressar da sua última visita, uma pasta de documentos com conselhos úteis destinados a Allende: por ex. 1) «Tente persuadir os seus técnicos qualificados a permanecer no Chile. Tome medidas administrativas, se for necessário» (as medidas estão já aplicadas no Chile: o que importa é enviar às pessoas uma notificação dos impostos internos, no sentido de que as suas declarações de impostos sejam sujeitas a revisão e que não possam abandonar o país, antes de terem sido esclarecidas). 2) «Não actue de maneira demasiado revolucionária, pois daria aos contra-revolucionários pretexto para alterarem a economia». 3) «Dirija todas as vendas do cobre para os mercados em que se trabalha com dólares». 4) «Mantenha boas relações com os militares, até ao momento em que tiver oportunidade de consolidar a sua base popular».

Allende está já a seguir os conselhos de Fidel e parece que nós consentimos em tal. O vírus comunista não se confinará certamente ao Chile. Já noutros países do hemisfério os elementos da esquerda se tornaram mais audaciosos. Estudantes da esquerda apoderaram-se de todos os jornais não-esquerdis-

tas da Bolívia e estão prestes a dirigi-los contra cooperações marxistas. As minas, que são propriedade norte-americana, serão com certeza nacionalizadas pelo novo governo do General Torres. Na Argentina, o novo Ministro da Economia é um esquerdista, Aldo Ferrer. Segundo nos revelam os factos, já não há uma «esquerda democrática» respeitável na América Latina — homens como Betancourt, por exemplo, ex-presidente da Venezuela, que se preparou para resistir a uma campanha de 5 anos de assédio, subversão e crimes, dirigida pessoalmente por Castro contra a Venezuela.

Os USA investiram dinheiro no Chile, a partir de 1964, quando Eduardo Frei, relativamente moderado, ganhou as eleições, apesar da assistência financeira, que Allende recebeu de Havana.

Nos anos 1964 - 1967 dávamos ao Chile 658,4 milhões de dólares como projecto da AID. Estávamos perfeitamente ao corrente da necessidade de ajudar o candidato democrato-cristão e de manter fora de jogo o candidato manipulado pelos cordelinhos de Havana. Desta vez, conseguimos manter-nos, financeiramente, e, mesmo noutro sentido, fora da eleição presidencial chilena. A opinião do Departamento de Estado parecia ser a seguinte: «é impossível pensar que o Chile esteja em vias de se converter num país comunista». Agora o impossível de pensar está em vias de acontecer, mas parece que encolhemos os ombros e murmuramos: «Não temos nada a fazer, porque o povo chileno elegeu Allende legalmente».

Durante o governo de Frei, foi posto em prática um programa de reformas económicas, incluindo ainda um movimento no sentido da nacionalização gradual de certas indústrias, mas as nacionalizações graduais de qualquer tipo, com toda a certeza, passarão a ser correntes agora. Podemos esperar algumas rápidas e sólidas confiscações.

E podemos esperar o mesmo tipo de repressão do espírito humano que é sempre imposto pela doutrina marxista: uma repressão por vezes cinicamente estabelecida por meio de golpes, em que se faz uso do poder ou de murmúrios de idealismo burocratizante. Mas o resultado é o mesmo.

Há já três anos que Allende dizia a um observador norte-

-americano: «Os USA estão em dificuldades em toda a parte. A vaga do futuro é o marxismo-leninismo».

Todavia, quando a eleição de Allende se tornou um facto quase certo, o ex-embaixador da OEA, Sol Linowitz disse: «Creio que o melhor processo a seguir pelos USA, é não fazer ir o barco ao fundo, é respeitar a decisão do povo chileno e esperar que de tudo isto venha a surgir um sistema amadurecido, com os direitos democráticos salvaguardados».

Muito mais realista é o comentário dum cidadão chileno: «El Mercurio» é como uma lâmpada acesa numa garrafa. Dará luz durante algum tempo, mas logo se apagará, deixando apenas um pouco de fumo negro».

Esta luz acesa é a liberdade — no Chile hoje, no resto da América Latina amanhã, se Allende se mantiver no poder.

*Data:* 2 de Novembro de 1970

Keite Perkins

Hal Hendrix

Chile — C. Batlett.

FYI, (\*) Charlie Bartlett do Sindicato Sun-Times, visitou-nos na sexta-feira e falámos durante mais duma hora sobre o Chile e a situação geral na América Latina, sobretudo sobre a atitude dos EU e a falta de sentido político de Nixon. Parece que ele prevê numerosos artigos sobre o assunto para os próximos dias. Deduzo dum artigo recente e de alguns dos seus comentários, que ele tem uma cópia dos nossos primeiros memorandos, (Hendrix-Berrellez) a respeito do Chile.

Não sei, na realidade, o que é que ele pretende neste momento, mas presumo que é anti-Allende e anti-administração, a respeito da política latino-americana dos EU (ou da sua falta).

cc: Gerrity — Wallace — Dunnet

(\*) FYI = Four Your Information (Para sua informação).  
(N. do T.)

*Data:* 30 de Outubro de 1970

*Para:* E. J. Gerrity

*De:* Hal Hendrix

*Referência:* Charles Meyer

No respeitante ao seu pedido acerca da minha opinião pessoal a propósito de Charles Meyer, envio-lhe através desta carta o meu ponto de vista: Meyer chegou ao Departamento de Estado como Secretário Auxiliar dos Assuntos Inter-americanos, em Março de 1968.

Antes pertencia ao executivo na Sears-Roebuck, na América do Sul, tendo vivido durante 14 anos em Bogotá, Colômbia, onde exercia as funções de negociador do programa de conjunto da Sears-Roebuck, na América do Sul. Esta companhia foi expulsa da Colômbia, durante as perturbações ocorridas em Bogotá, em 1948 e, com efeito, a missão de Meyer foi estabelecer de novo esta empresa no dito país. Desempenhou-se muito bem do seu papel. Mas a experiência de Meyer na América do Sul limitou-se à parte norte do continente e ao México.

Durante os últimos dois anos e meio no Departamento de Estado, apesar do seu encanto pessoal, a sua elegância e o seu espírito nas reuniões sociais, distinguiu-se como sendo o Secretário Auxiliar mais fraco, durante os meus 22 anos de relações com a sua zona de influências.

Mantém apenas relações secundárias ou de terceira ordem com o Presidente, por exemplo, desde que no princípio confiou na sua equipa do Conselho de Segurança Nacional, Henry Kissinger, e no perito dos Assuntos Latino-americanos, Viron Vicky, como guia dessa região. O Secretário Rogers tem a mesma consideração por ele.

Ao mesmo tempo, Meyer perdeu importância — bem como o seu Departamento no Departamento de Estado —, pelo facto de outros assuntos urgentes do governo, no mundo e também nos Estados Unidos, se terem tornado prioritários.

Mas Meyer também não soube impor-se na luta burocrática, para obter as boas graças do Departamento de Estado e, consequentemente, do governo de Nixon.

Além disso, em várias alturas, usou um mau critério nos seus contactos com a imprensa, que dá informações sobre a América Latina. Por conseguinte, as suas relações com a imprensa foram reduzidas.

Na secção do Departamento de Estado sob a direcção de Meyer, há provas duma grande falta de imaginação e isto com muito poucas excepções. Tanto para ele como para o sub-director John Crimmons, a palavra de ordem é: «Não fazer ondas; não fazer naufragar o barco». Admite-se que há no Departamento de Estado uma timidez tradicional entre os funcionários de carreira em relação a este aspecto particular da Administração-Meyer, mas fracassou no estímulo de ideias criadoras e independentes; eis uma queixa, que se ouve em todas as embaixadas da América Latina. Não lutou pela sua secção ou zona, do mesmo modo que o fizeram os seus predecessores, particularmente Tom Mann, Henry Holland ou ainda Jack Vaughn, no curto período do cargo diplomático de Secretário Auxiliar.

Ao contrário, Meyer pode ser naturalmente vítima da nova camisa de forças na zona chamada «O baixo perfil dos USA na América Latina», que aplicada ao Chile, hoje, pode constituir uma razão fundamental da falência dos USA na sua tentativa de evitar, em 1970, o perigo dum Presidente Marxista, perigo que os chilenos tinham conseguido iludir em 1964 com a sua ajuda.

Meyer e Grimmonds dirigiram conjuntamente os seus esforços, para assegurar que os Estados Unidos, desta vez, nada fariam no tocante às eleições chilenas.

As declarações públicas de Meyer na América Latina parecem reflectir todas uma atitude de desculpa, que não demonstra o poderio dos USA. Como afirmámos no princípio, considero que Meyer é um dos mais fracos da longa sucessão de secretários auxiliares. Creio também que seria melhor para nós que ele voltasse para a Sears-Roebuck.

c. c. E. R. Wallace, K. Perkins, E. Dunnet.

*Data:* 9 de Novembro de 1970  
*Para:* H. S. Geneen  
*De:* E. J. Gerrity  
*Referência:* O Chile.

Muito embora tenhamos enviado o telex de Bob Berrellez pelo canal normal, gostaria de lhe anunciar que, por razões de conveniência, incluí outra cópia.

A polícia política cubana já chegou a Santiago. A maior parte dos seus membros foram treinados em Moscovo. O seu objectivo é estabelecer uma «vigilância geral» de toda a população, um sistema que possua graus variados e que é aplicado em Cuba, na China, na URSS e noutros estados totalitários.

A notícia é terrível e sustenta que Allende se vai apressar a criar o seu estado policial. Mandarei fazer cópias para serem distribuídas na reunião de quarta-feira, caso seja da sua vontade.

c. c. J. J. Navin

#### CÓPIA

*Data:* 10 de Novembro de 1970  
*Para:* Sr. Geneen  
*Ref.ª:* Chile

Junto diversas coisas:

1. — A cópia da carta de H. Kissinger a Bill Merriam, datada de ontem. Queira observar a nota de Bill no fim da página. Informam-nos que Chuck Meyer é atacado. Não sabemos que decisão será tomada a seu respeito.

Além disso, Merriam enviará a Kissinger a última informação, a que se refere a sua nota fornecida por Bob Berrellez.

2. — O telex de Berrellez, do qual eu fiz várias cópias para todos os membros do Conselho, se tiver a bondade de as distribuir.

Seguem igualmente anexos alguns recortes do relatório do New York Times sobre a inauguração duma estátua de Che Guevara.

*Gerrity*

CASA BRANCA — Washington  
*Data:* 9 de Novembro de 1970  
M. William M. Merriam,  
Vice-Presidente ITT, Washington

Caro amigo Sr. Merriam:

Agradeço-lhe a sua carta de 23 de Outubro e o documento anexo sobre a política norte-americana na América do Sul. Li-os reflectidamente e transmiti-os aos membros do meu pessoal encarregado dos Assuntos Latino-americanos. As ideias e os conselhos lá apresentados são duma grande utilidade para mim e naturalmente que os tomarei em consideração.

Agradeço-lhe o facto de mos ter enviado.

*Henry A. Kissinger*

M. E. J. Gerrity:

Acredite, isto não tem demasiado interesse.

As coisas estão a tornar-se tempestuosas, no tocante aos assuntos do Chile e falar-lhe-ei mais tarde deste problema.

*W. R. Merriam*

ITT — Escritório de Washington  
1707 L. Street NW. Washington D. C. 20036  
Endereço Telegráfico INTELCO — Washington  
Pessoal e Confidencial

*Data:* 23 de Outubro de 1970  
Dr. Henry A. Kissinger  
Assessor do Presidente  
Casa Branca

Caro amigo Dr. Kissinger:

Como resultado dos últimos acontecimentos na América Latina, a empresa privada estrangeira, naquela região, está em vias de ter de enfrentar a sua mais séria ameaça. Há um ano, o Presidente Nixon, no seu discurso feito na Sociedade Inter-americana da Imprensa dizia: «Nós não encorajamos os investimentos privados, onde eles não são desejados ou então onde as condições políticas locais são de tal maneira que os façam enfrentar riscos não previsíveis».

A ITT não quer ir onde a sua presença não for desejada, mas temos, como o Presidente Nixon, «a firme crença em que a empresa privada adequadamente motivada tem um papel vital a cumprir no desenvolvimento económico e social».

A nossa companhia sabe que os povos das Américas merecem um melhor nível de vida e estamos convencidos de que temos um enorme interesse em diminuir os seus problemas. Os países não estão em condições de financiar o seu desenvolvimento; os contribuintes norte-americanos também o não podem fazer e a empresa privada norte-americana só pode dar parte dos seus fundos, sob a condição de que ela esteja de acordo com o ambiente que lá reina.

Há unanimidade em julgar que essa tarefa deve ser realizada na base da coordenação mútua. A ITT dispensou uma atenção séria às circunstâncias com que se debate o desenvolvimento no hemisfério. Estamos convencidos que o momento presente é propício para realçar e reforçar a política dos USA em relação à América Latina.

Segue juntamente o documento (1), que contém os nossos cálculos, além das referências específicas relativas à situação chilena. Submetemo-las respeitosamente à sua análise e gostaríamos de conhecer os seus comentários a respeito delas.

Sinceramente,  
William R. Merriam  
*Vice - Presidente*

TELEX CONFIDENCIAL URGENTE

*Data:* 6 de Novembro de 1970  
*Para:* H. Hendrix  
*De:* R. Berrellez  
*Assunto:* Os assuntos chilenos

1) Salvador Allende foi eleito oficialmente Presidente do Chile (até 1976), no dia 3 de Novembro passado, sem incidentes. No decurso de todas as aparições em público, durante os 2 dias de festividades da sua investidura, foi uma imagem viva de moderação política, um perfeito veículo, que agora Moscovo vai explorar intensamente, para dar ao seu tipo de comunismo um aspecto de respeitabilidade burguesa, mas esperando que ele se torne «digestivo» — e mesmo desejável — noutros países da América Latina.

2) A evidência de que este truque funciona no Chile pode ver-se mesmo entre os opositores da direita, em relação à política de Allende. Os mesmos que antes faziam pressão sobre Washington, para que tomasse medidas mais enérgicas para travar Allende, julgam agora que podem coexistir com ele. Dizem que «Washington nada deve empreender no que respeita a represálias económicas ou políticas, que poderiam forçá-lo a voltar-se para a extrema esquerda».

(1) *Ver o documento citado mais acima: «Os EU na encruzilhada: Um re-exame necessário da nossa política latino-americana». Pág. 57.*

3) Allende fez um apelo urgente à moderação e à unidade nacionais. Tudo isto seria aceitável, se não houvesse certos sinais sombrios, que indicam claramente que os extremistas da esquerda (castristas e maoistas) já começaram a consolidar os seus fundamentos no poder, através dos quais a democracia virá a ser estrangulada, lenta mas seguramente, muito antes de expirarem os 6 anos de Allende.

4) O sinal mais alarmante é a presença em Santiago de pessoal da polícia política cubana, treinado em Moscovo e dirigido por Luís Fernandez Oña, considerado como um dos melhores agentes. Os cubanos e outros «turistas» de por trás da cortina de ferro e delegados a uma feira industrial, que se celebra actualmente em Santiago, chegaram à capital, poucas horas depois da votação de 4 de Setembro, que deu a Allende a maioria dos votos.

5) O semanário PEC publicou recentemente um «dossier» pormenorizado do movimento clandestino da extrema-esquerda no Chile. Esse «dossier» foi qualificado como «altamente preciso» por fontes dignas de crédito e por pessoas bem informadas.

6) Esta versão, completada por informações de outras fontes, indica que os visitantes fixaram residência em apartamentos e casas, em Santiago, com intenções de lá ficarem durante um longo período.

7) Fernandez Oña chegou manifestamente para uma missão romântica. Segundo uma versão pública, propositadamente abafada, ele apaixonou-se por Beatriz Allende, filha do Presidente, quando visitou Havana. Diz-se que Beatriz foi portadora duma mensagem especial de F. Castro insistindo junto de Allende: *a)* manter o cobre no mercado do dólar, e *b)* não cair para sempre nas garras soviéticas. Se a autenticidade da dita mensagem é verosímil, torna-se duvidosa, quando é examinada à luz do que se passa entre nós.

8) Diz-se que a missão de Fernandez Oña está principalmente em relação com a defesa da segurança da coligação governamental, face a um golpe militar ou subversão de qualquer outro sector. A Frente da Unidade Popular, que levou Allende ao

poder, organizou unidades de segurança (comandos) altamente efectivos; parece que elas se infiltraram na polícia. Espera-se que sirvam como quadros nos comités para a defesa do novo regime, do mesmo modo que o General Alberto Bayo organizou os «Comités para a Defesa da Revolução Cubana», em 1959. Havia um comité para cada bloco de casas em cada comunidade urbana chave. Assim, quando se deu a invasão na Baía Cochinos, em Abril de 1961, os comités estavam prontos para denunciar — e meter na cadeia — qualquer suspeito de deslealdade.

9) Com os cubanos, colaboram os extremistas da esquerda chilenos, a «esquerda revolucionária», com estilo próprio, que opôs uma forte resistência — até que Castro teve de intervir para os apaziguar à «tranquila» procura do poder por parte dos comunistas e socialistas mais moderados. As declarações públicas durante a última semana demonstraram que a «esquerda revolucionária» faz também agitação nas escolas e universidades, insistindo junto dos «comités de vigilância» a fim de estarem preparados para qualquer tipo de acção por parte dos moderados, no intuito de frustrar uma socialização integral do país.

10) Em número, a extrema-esquerda pode ser reduzida, mas ficou provado na Europa do após-guerra e, mais recentemente em Cuba, que uma minoria militante e disciplinada pode, rápida e efectivamente, neutralizar e ultrapassar uma maioria.

11) Um acontecimento triste, que pode consolidar vigorosamente a posição de Allende e dos comunistas, foi o assassinio do General Roberto Schneider, Comandante-Chefe do Exército do momento da sua morte em Outubro (ver reportagem de 25 de Outubro). O que, de início, pareceu ser um trabalho profissional organizado no seio do Exército, averiguou-se que foi uma tentativa de levantamento mal organizada e grosseira, na qual estão pelo menos implicados directamente duas ex-figuras do Exército.

12) Entre os detidos por causa do assassinio de Schneider, encontrava-se o General Roberto Viaux, oficial reformado, que obteve um prestígio nacional e sofreu uma medida disciplinar,



quando dirigiu, no ano passado, uma rebelião abortada para obter um melhoramento de vencimentos, contra o governo de Frei. Viaux, um conservador fortemente oposto a Allende, e em torno do qual parecia que se agrupavam elementos insurrectos, após a eleição de 4 de Setembro, tem um advogado que afirmou que outros chefes militares também estavam implicados no caso.

13) Se se apurar claramente que outros altos chefes militares estão implicados, ainda que seja indirectamente, com Viaux, tal facto dará a Allende a autoridade política e moral para fazer uma limpeza na chefia do Exército e para lá colocar os seus adeptos em posições militares estratégicas. Efectivamente, deste modo neutralizaria as Forças Armadas, que, até ao presente, nada mais demonstraram, para além duma atitude passiva, em relação à tempestade que se vem aproximando.

14) Numa das suas conferências de imprensa mais reveladoras, o Presidente Allende disse a Julio Scherrer, um jornalista mexicano altamente respeitado, do «Excelsior», do México, em 2 de Novembro passado: a) que recorrerá ao plebiscito constitucional todas as vezes que for necessário, para se subtrair ao Congresso, nos casos em que este bloquear as reformas necessárias por meio da sua acção legislativa. Interrogado se tal processo não conduziria finalmente ao desaparecimento do Congresso, como órgão legislativo, Allende defendeu com ênfase: «Nunca faremos desaparecer o Congresso»; b) referindo-se às fugas de capitais como fazendo parte dum «clima de terror» imposto ao Chile, afirmou que se assim continuasse, forçaria a uma restrição das garantias individuais estabelecidas pela Constituição. Disse também que, se «se verificar uma violência reaccionária, responderemos com uma violência revolucionária»; c) Se o Chile chegasse ao ponto de ficar isolado e bloqueado como Cuba no seu tempo, «não teria outra alternativa a não ser a insurreição armada. Estamos dispostos ao que quer que seja».

Não temos à nossa disposição os nossos «dossiers» em Havana, mas um retorno rápido ao ano de 1959 faz-nos lembrar observações muito similares de Castro, quando, como Allende, impressionava quase todos os da sua comitiva com as suas opiniões políticas moderadas, enquanto o seu irmão Raúl e Che Gue-

vara trabalhavam silenciosamente «por detrás do palco», tentando fabricar o alçapão seguinte.

Por exemplo, Fidel disse que as eleições eram inúteis. Que o próprio povo constituía o Parlamento de Cuba; que até ao momento em que não fossem liquidados os elementos subversivos e o clima de terror imposto a Cuba do interior e do exterior não fosse eliminado, deveria tomar precauções especiais impostas pela cidadania, a fim de defender a revolução; que a violência contra-revolucionária seria enfrentada com uma violência revolucionária implacável.

#### RESUMO

1) A opinião dos conservadores chilenos — que agora procuram chegar a um acordo com Allende — de que as represálias políticas e económicas norte-americanas vão forçar Allende a voltar-se ainda mais para a esquerda, é uma afirmação correcta. Todavia, ignoram um facto: que quer queira ou não queira, Allende vai ver-se obrigado a voltar-se para a extrema-esquerda, sem se preocupar com a política adoptada por Washington.

2) A opinião dum outro sector é que as represálias norte-americanas vão obrigar Allende a voltar-se para o campo da extrema-esquerda e que esse facto iria dar origem a uma reacção militar e popular contra o seu governo. Tal maneira de pensar tem pouco fundamento. Os militares não se mostraram dispostos a agir. Há poucas razões para acreditar que a sua opinião se tenha modificado. E aliás duvidoso que tenham capacidade para dirigir uma reacção massiva da nação, como pode fazer a extrema-esquerda: greves gerais, guerrilhas urbanas. O tempo desgasta rapidamente a capacidade dos militares para enfrentarem a coligação de Allende, mesmo em defesa da Constituição, em caso duma necessidade moral.

ITT — Latin America Inc. Escritórios Regionais  
*Data:* 13 de Novembro de 1970

Privado e Confidencial

*Para:* H. Hendrix  
*De:* R. Berrellez  
*Assunto:* Ed. Korry

1) Há entre os diplomatas e homens de negócios dos USA, no Chile, dúvidas profundas quanto ao facto de saberem se o Embaixador Ed. Korry, designado por Nixon por motivos políticos, pode continuar a exercer as suas funções durante a administração de Allende. Korry decepcionou os seus amigos chilenos, travou polémicas com os seus críticos chilenos e pôs em situação incómoda muitos norte-americanos, com a sua petulância, nos primeiros dias do governo de Frei.

2) Korry afastou-se do Departamento de Estado nos assuntos do Chile e entendia-se directamente com Nixon em matéria de política e de estratégia. A fonte desta informação é o próprio Korry. O Embaixador transformou-se num partidário da linha dura, (represálias económicas, etc. ..., contra o Chile) logo que Allende obteve uma maioria nas eleições de 4 de Setembro, quando, nessa altura, o Departamento de Estado esperava actuar de modo diferente. Por causa de tudo isto, a carreira diplomática de Korry parece ter chegado ao fim.

3) Korry perdeu também as estribeiras em relação à imprensa dos USA e tornou-se uma espécie de Marth Mitchell do sexo masculino em entrevistas «impúblicáveis». Censurou alguns jornalistas (Joe Novitsky, do New York Times, foi um desses) e recusou com ênfase o que ele pensava ser um «cabeçalho falso» nas crónicas com ele relacionadas. Uma grande parte dos meios de informação indispôs-se contra Korry e a restante tornou-se indiferente. Para sermos justos, devemos, entretanto, acrescentar que muitos meios de informação dos USA foram sempre hostis para com os nossos diplomatas, com razão ou sem ela.

4) Através dos amigos da Embaixada, soubemos que Korry está plenamente consciente da sua situação e fez algumas son-

dagens nos meios mais empreendedores a fim de estudar as futuras possibilidades. Não pude verificar pessoalmente este aspecto.

5) Eis alguns dos seus antecedentes, que podem servir para usarmos mais tarde:

6) Ex-jornalista, Korry foi indistintamente apresentado como imaginativo, sem medo, espírito perspicaz e até mesmo brilhante, por alguns dos seus colaboradores mais íntimos. Posso garantir pessoalmente o seu valor numa situação difícil: o importante esforço final para bloquear Allende, tão pouco corrente entre os nossos diplomatas.

7) Primeiramente designado por Kennedy (dera nas vistas como correspondente na Europa), Korry impressionou Nixon, que lhe prometeu um cargo importante, se um dia chegasse à presidência. Korry, que estava para ser removido das suas funções após a última eleição presidencial, fez valer a promessa de Nixon e obteve o cargo, em Santiago.

8) Era quase inevitável que, por causa dos antecedentes que o ligavam com Kennedy, Korry se saísse bem nas suas relações com os democratas cristãos e com Frei. Mas, como um dos seus colaboradores observou, deixou-se seduzir por Frei e daí se seguiu que as suas apreciações políticas sofreram uma perda considerável. Falhou, por não se dar conta da personalidade dupla de Frei, no momento em que já era tarde de mais. Pode dizer-se que essa foi a falta mais flagrante de Korry na sua qualidade de nosso enviado no Chile. Apaixonou-se demasiado e sem moderação.

9) Não é segredo que Korry estava muito bem impressionado com as possibilidades do democrata cristão R. Tomic vir a ser eleito nas últimas eleições. Não podemos verificar se este o recrutou em seu favor, mas pelo menos dois meses antes da votação, disse-se que Korry foi de opinião que Tomic iria ganhar. Mudou de opinião, mais tarde, quando se tornou evidente que a luta ia ser travada entre Alessandri e Allende.

10) Embora muito próximo de Frei, Korry não mantinha aparentemente boas relações com o seu Ministro das Relações Estrangeiras, Gabriel Valdés. Não assistiu ao cocktail de despedida oferecido por Valdés ao Corpo Diplomático. A desculpa oficial de Korry foi: tinha de ocupar-se no envio de pacotes de alimento para a Ilha de Páscoa. Na verdade, estava ocupado no desmantelamento das instalações dos USA na dita Ilha. De qualquer modo, tornava-se claro que não era necessário que o fizesse pessoalmente e, por isso, o subterfúgio deu muito nas vistas.

11) A imprensa deu rapidamente conta dele. Um periódico, «Las Ultimas Noticias», citou Valdés, dizendo: «Nunca tive tantos problemas com nenhum diplomata como com este Senhor Korry. Tivemos problemas com a Argentina, mas nunca formalmente com os seus embaixadores. Não posso tolerar nem aceitar este diplomata». Acrescentou, referindo-se a Korry: «o que a natureza não dá, a diplomacia não o empresta».

12) «El Siglo», diário comunista foi menos generoso. Utilizou a linguagem mais baixa possível (comparando-o, por exemplo, com excrementos), ao descrever o seu carácter: «grosseiro, petulante, flatuoso, agressivo, brutal, etc.».

13) É certo que o Ministro das Relações Estrangeiras, Valdés, fez saber as suas apreciações pessoais a respeito de Korry ao Corpo Diplomático. Os diplomatas não podiam deixar de observar a hostilidade da imprensa.

14) Por causa desta razão apontada em último lugar, a utilidade de Korry como diplomata na América Latina foi destruída. E a sua utilidade na função de empreendedor nesta região é agora, ao que penso, discutível.

c. c. E. Gerrity, E. Wallace, K. Perkins, E. Dunnet

ITT — Escritórios Internacionais

*Data:* 18 de Novembro de 1970

*Para:* Keit Perkins

*De:* Hal Hendrix

*Assunto:* Ed. Korry

Depois das suas perguntas sobre Ed. Korry no Chile, pedi a Bob Berrellez que escrevesse as suas actuais observações sobre ele, visto que Bob esteve ultimamente em Santiago, uma grande parte do seu tempo. Os seus comentários actuais seguem juntamente.

Além disso, poderia acrescentar a minha opinião pessoal. Não conhecia Korry até ao momento em que chegou ao Chile; eu trabalhava para Scripps-Howards. Dado que ele trabalhava anteriormente para a UPI, que agora pertence a Scripps-Howards, não tivemos problemas em criar boas relações de trabalho.

Desde o início, tornou-se evidente para mim que Korry era (e ainda é) um homem com a marca da administração Kennedy. Era e é extremamente hábil como escritor e como «fazedor» de frases. É também impetuoso e por vezes arrogante.

É um grande citador de nomes e de lugares. Em muitos aspectos tem muitas semelhanças com Peter Jones, que provém, segundo creio, duma relação estreita anterior entre ambos. Assim como Jones, ele tem o costume de se servir das pessoas em seu próprio interesse, até ao momento em que não tenham já qualquer espécie de utilidade. Tem igualmente o costume, ao que eu soube, de dizer uma coisa a uma pessoa e outra coisa completamente diferente ao interlocutor, que se lhe seguir. Um dos seus bons amigos, que trabalhou junto dele, disse-me recentemente: «Korry é um homem de tal força que nem o governo dos USA nem a ITT poderiam controlar, se ele considerar que isso não lhe convém».

Deduzo, com uma certa segurança, em razão dos seus comentários doutra altura, que está em vias de tentar assegurar uma posição na ITT, para quando o Departamento de Estado o obrigar

a abandonar o seu cargo. Se quisermos na nossa companhia dois do mesmo género que ele, é provável que os possamos obter.

HH: pm

Att. c. c. E. J. Gerrity  
E. R. Wallace  
Com anexos

## APÊNDICE

### *NOMES CITADOS E FUNÇÕES EXERCIDAS DURANTE O PERÍODO A QUE CORRESPONDE A DOCUMENTAÇÃO*

AIBEL, H. J.: Vice-Presidente sénior e Conselheiro da ITT.  
ALESSANDRI, JORGE: Candidato à Presidência do Chile. Obteve a segunda maioria relativa nas eleições de 4 de Setembro de 1970.  
ALLENDE, BEATRIZ: Médica, filha de Salvador Allende.  
ALLENDE, SALVADOR: Senador, candidato à Presidência do Chile. Primeira maioria relativa nas eleições de 4 de Setembro de 1970. Presidente, eleito em 24 de Outubro. Assumiu a presidência em 3 de Novembro de 1979.  
AMUNATEGUI, P. GREGORIO: Político do Partido Nacional.  
BARTLETT, CHARLES: Editorialista de tendências conservadoras do Evening Star e doutros jornais norte-americanos.  
BERRELLEZ, ROBERTO: Chefe das relações públicas para a América Latina da ITT, com sede em Buenos Aires.  
BENNET, R. E.: Vice-Presidente do executivo da ITT.  
BERTINI, Jorge: Membro do Comité Económico da Unidade Popular.  
BRITTENHAM, R. L.: Vice-Presidente sénior da ITT.  
BROE, WILLIAM: Director da C. I. A. para a América Latina.  
CRIMMONS, JOHN: Adjunto de Charles Meyer.  
CHURCH, SENADOR: Presidente do sub-comité dos Assuntos Latino-americanos do Senado dos EU.

DUNLEAVY, F. J.: Vice-Presidente da ITT, com sede em Bruxelas.

EDWARDS, AUGUSTIN: Presidente do Conselho da Empresa dos Jornais «El Mercurio».

FERNANDEZ ONA, LUIS: Ministro Conselheiro da Embaixada de Cuba em Santiago.

FISHER, JOHN: Director para a zona Bolívia-Chile do Departamento de Estado dos EU.

FREI, EDUARDO: Presidente da República do Chile até 3-11-1970.

GENEEN, HAROLD S. (ou H. S. G.): Presidente Mundial da ITT.

GERRITY, EDWARDS J.: Vice-Presidente sénior da ITT, encarregado das relações públicas e da publicidade.

GUILFOYLE, JACK: Vice-Presidente da ITT em Nova Iorque e Presidente para a América Latina.

HENDRIX, HAL: Director das Relações Públicas da ITT para a América Latina.

HERRERA, FELIPE: Presidente do Banco Internacional para o Desenvolvimento.

HOBBINS, ENNO: Agente da C. I. A.

IRWIN, JOHN: Subsecretário de Estado dos USA.

JEREZ, ALBERTO: Senador do Movimento da Acção Popular Unitária.

JOHNSON, ALEXIS: Subsecretário de Estado dos USA.

KISSINGER, HENRY: Conselheiro do Presidente Nixon.

KORRY, EDWARD: Embaixador dos EU no Chile.

LINOWITZ, SOL: Ex-embaixador dos EU na O.E.A.

MANSFIELS, MIKE: Senador democrata, chefe da maioria no Senado dos EU.

MATTE LARRAIN, ARTURO: Cunhado de Alessandri e dirigente na sua campanha eleitoral. Candidato à presidência em 1952. Chefe do grupo financeiro MATTE.

MCCONE, JOHN: Ex-director da C. I. A. e membro da Direcção da ITT.

MCLEAN, AGENCE: Sede dos escritórios centrais da C. I. A.

MCNIT, GENERAL JAMES R.: Vice-Presidente da ITT e Presidente da World Communications ITT.

MERRIAM, WILLIAM R.: Vice-Presidente da ITT, encarregado dos escritórios em Washington.

MEYER, CHARLES A.: Secretário de Estado Adjunto para os Assuntos Latino-americanos dos EU.

MINISTRO DAS FINANÇAS: Andréo Zalo Ivar Larrain.

MITCHELL, JOHN: Ministro da Justiça, EU.

NAVEN, J. J.: Secretário da ITT.

NEAL, JACK D.: Funcionário da ITT.

PERKINS, KEITH: Director das Relações Públicas da ITT.

PORTA ANGULO, FERNANDO: Comandante-Chefe do Exército Chileno.

PRATS, CARLO: General Comandante do Estado Maior, após a morte do General Schneider.

ROGERS, WILLIAM: Secretário de Estado dos EU.

SCHNEIDER, RENÉ: Comandante-Chefe do Exército Chileno.

SCOTT, HUGH: Senador republicano, chefe da minoria no Senado dos EU.

THEOFEL, N.: Vice-Presidente da ITT.

TOMIC, RADO MIRO: Candidato à presidência do Chile do Partido Democrata-cristão.

VARKY, PETER V.: Adjunto de Kissinger para os assuntos latino-americanos.

VALDÉS, GABRIEL: Ministro dos Negócios Estrangeiros de Frei.

VIAUX, ROBERTO: Ex-general do Exército, principal responsável pelo atentado contra o general Schneider.

WALLACE, EDWARD R.: Vice-Presidente e Director adjunto das Relações Públicas e Publicidade da ITT.

Í N D I C E

	PÁg
INTRODUÇÃO . . . . .	5
As 200 companhias mais importantes . . . . .	6
Em Portugal . . . . .	7
A escala do Globo . . . . .	11
O CASO DO CHILE . . . . .	13
As forças políticas chilenas . . . . .	15
Dossier . . . . .	17

VOLUMES PUBLICADOS:

ANTOLOGIAS

1. *Ao Encontro da Pessoa*, Emmanuel Mounier e Jean Lacroix (fora do mercado)
2. *O Homem Invisível*, Pablo Neruda (esgotado)
3. *Do Integrismo ao Nacional Catalicismo - Os Católicos e as Direitas*, Louis Davallon, P. A. Liège, M. Garrigou Lagrange, Louis Guinchard, Yves Congar (esgotado)
4. *O plano Langevin-Vallon para a reforma do ensino* (esgotado)
5. *Iniciação à Teoria Económica*, Ernest Mandel: 2.ª edição (esgotado)

TEXTOS

1. *Mas Socialismo porquê?*, Albert Einstein (esgotado)
2. *Vietnam*  
*A oposição à guerra nos E. U. A.*  
*Programa da Frente Nacional de Libertação do Vietnam do Sul* (esgotado)
3. *O Socialismo Crítico de Hoje — Teses de «II Manifesto»*, Agosto de 1971
4. *A Dominação Inglesa em Portugal*, estudo de Armando Castro com 3 textos do século XIX em antologia, Junho de 1972.
5. *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire, Nov. de 1972 (esgotado)
6. *As greves selvagens na Europa Ocidental*, Fevereiro de 1973

MOVIMENTO OPERÁRIO PORTUGUÊS

1. *Da Casa Sindical ao Forte de Sacavém*, introdução de César Oliveira, Novembro de 1971
2. *O Congresso Sindicalista de 1911*, selecção, prefácio e notas de César Oliveira, Dezembro de 1971

3. *O Operariado e a República Democrática 1910-1914*, César Oliveira, Março de 1972
4. *Movimento Operário em Portugal*, Campos Lima, Maio de 1972
5. *O Sindicalismo em Portugal*, Manuel Joaquim de Sousa, Maio de 1972
6. *A Criação da União Operária Nacional*, César Oliveira, Fev. de 1973

#### O SACO DE LACRAUS

1. *A Oposição Operária*, Alexandra Kollontai, Janeiro de 1973

#### CIDADE EM QUESTAO

1. *OCUPAÇÃO do Bairro do Bom Sucesso em Odivelas, por 48 Famílias de Barracas*, Março de 1972
2. *Urbanizar e Construir para Quem?*, Fernando Gonçalves, Junho de 1972

#### BEZERRO D'OURO

1. *Em Defesa de Joaquim Pinto de Andrade*, Mário Brochado Coelho - Julho de 1971; 2.ª edição, Agosto de 1971
2. *A Prisão do Dr. Domingos Arouca*, Francisco Salgado Zenha, Novembro de 1972 (esgotado)
3. *Estudantes de Coimbra no Plenário*, vários, Fevereiro de 1973
4. *Uma Farxa Eleitoral*. (O processo dos metalúrgicos de Aveiro), José Afonso e Mário Brochado Coelho, Fevereiro de 1973

#### OUTRAS PUBLICAÇÕES

1. *Mocimbuque pelo seu Povo* - selecção, prefácio e notas de José Capela - Agosto de 1971 (esgotado)
2. *Encontro*, alguns aspectos da religião tradicional discutidos pelo povo de Macieira da Lixa, Outubro de 1971; 2.ª edição, Novembro de 1971; 3.ª edição, Outubro de 1972
3. *Maria de Nazaré*, um pequeno Povo de Pobres reconhece-A como a companheira ideal no esforço a desenvolver para a libertação de todos, Mário de Oliveira, Fevereiro de 1972
4. *Nós matámos o Cão-Tinhoso*, contos, 2.ª edição revista, Luís Bernardino Honwana, Março de 1972
5. *Presos Políticos*, documentos 1970-1971
6. *I. T. T. Imperialismo no Chile: Dossier Anderson*, Março de 1973

Esta edição foi composta e impressa na ESC. TIP. DAS MISSÕES - CUCUJAES, tendo ficado concluída a vinte de Março de mil novecentos e setenta e três